



Anais do II Fórum de Sexualidade em Saúde Online

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS**

ANAIS

II Fórum de Sexualidade em Saúde - Online

Coordenação:

Ulisses Vilela Hipólito
Mirian Cristina dos Santos Almeida
Carolina Freitas do Carmo Rodrigues
Cristina Silvana da Silva Vasconcelos
Ana Paula Barbosa de Brito

No período de 01,07,08,09 e 10 de dezembro de 2020

Apoiadores:



**Palmas - TO
2021**

Copyright © 2021 - Universidade Federal do Tocantins – Todos os direitos reservados

www.uft.edu.br

<https://ww2.uft.edu.br/index.php>

Universidade Federal do Tocantins (UFT) | Câmpus de Palmas
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte
Palmas/TO | 77001-090

Este item está licenciado na Creative Commons License



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins - SISBIB

F981a Fundação Universidade Federal do Tocantins
Anais do II Fórum Sexualidade em Saúde - online / coordenadores: Ulisses Vilela Hipólito, Mirian Cristina dos Santos Almeida, Carolina Freitas do Carmo Rodrigues, Cristina Silvana da Silva Vasconcelos, Ana Paula Barbosa de Brito. – Palmas, TO: UFT, 2021.
52 p.:il. color.

ISBN: 978-65-87246-09-3

1. Educação em Saúde. 2. Promoção da Saúde. 3. Sexualidade. 4. Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). I. Título.

CDD 613.95

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

REDES SOCIAIS

Instagram - @forumdesexualidadeto

Facebook - @forumsexto

Youtube - Fórum de Sexualidade em Saúde

II Fórum de Sexualidade em Saúde Online

Coordenação Geral:

Dr. Ulisses Vilela Hipólito
Dra. Mirian Cristina dos Santos Almeida
Ms. Carolina Freitas do Carmo Rodrigues
Esp. Cristina Silvana da Silva Vasconcelos
Esp. Ana Paula Barbosa de Brito

Comissão Científica

Ms Allana Lima Moreira Rodrigues – Rede de Atenção à Saúde de Palmas, TO
Dra Ana Kleiber Pessoa Borges – Enfermagem UFT/Palmas
Ms Garithuzy Macedo Oliveira- Faculdades Integradas da América do Sul de Caldas Novas,
GO
Dr Fernando Rodrigues Peixoto Quaresma – Enfermagem UFT/Palmas
Ms Giovanna Felipe Cavalcante- Faculdade de Palmas, TO
Dra Juliana Bastoni da Silva - Enfermagem UFT/Palmas
Dra Danielle Rosa Evangelista - Enfermagem UFT/Palmas
Ms Luiza Vargens Ramos – Serviço de Atenção Especializada em HIV/AIDS e Hepatites Virais
de Gurupi, TO
Ms Maitê da Veiga Feitoza Borges Silva- Enfermeira Obstétrica no Bürgerhospital na Alemanha
Dra Marcela Antunes Paschoal Popolin - Enfermagem UFT/Palmas
Ms Nayane de Sousa Silva Santos - Enfermagem UFT/Palmas
Dra Suellen Cristina Dias Emidio – Enfermagem UFT/Palmas

Comissão Organizadora

Ma. Carolina Freitas do Carmo Rodrigues (Presidente)
Esp. Cristina Silvana da Silva Vasconcelos (Presidente)
Dr. Ulisses Vilela Hipólito – Enfermagem UFT (Coordenador)
Dra. Mirian Cristina dos Santos Almeida – Enfermagem UFT (Vice Coordenadora)
Esp. Ana Paula Barbosa de Brito - Rede de Atenção à Saúde de Palmas, TO
Esp. Raiane Silva Mocelai - Secretaria de Saúde Municipal de Palmas, TO
Esp. Ana Virginia Gama – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos
Ms. Marta Maria Malheiros Alves – Secretaria de Saúde Municipal de Palmas, TO
Ms. Maria do Socorro Rocha Sarmento Nobre – Fundação Escola de Saúde Pública de
Palmas, TO
Beatriz Saras Rebelo Leopoldino – Liga Acadêmica de Sexualidade e Identidade de Gênero,
ITPAC Palmas
Nathália de Lima Queiroz – Liga Acadêmica de Sexualidade e Identidade de Gênero, ITPAC
Palmas
Ana Paula Barbara Carneiro Oliveira – Liga Acadêmica de Sexualidade e Identidade de
Gênero, ITPAC Palmas
Guilherme Ferreira – Liga Acadêmica de Sexualidade e Identidade de Gênero, ITPAC Palmas

RESUMO

O II Fórum de Sexualidade em Saúde surgiu como resposta aos anseios dos participantes do I Fórum, por vivências na abordagem da sexualidade com os seus clientes/pacientes. Assim, o evento objetivou, mais uma vez, discutir a sexualidade com profissionais e acadêmicos de diversas categorias e população em geral. O período da pandemia da Covid-19 direcionou os esforços e investimentos da saúde pública para o enfrentamento da mesma, acarretando sobrecarga do sistema e dos profissionais, dificultando os atendimentos à sexualidade, incluindo disfunções, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e outras queixas crônicas, evidenciando a necessidade da permanência da realização deste evento. Com as restrições impostas, a segunda edição se remodelou para forma online para atingir o público. Baseada na interferência do isolamento na vida da população, o II Fórum se propôs a discutir a sexualidade em contextos que foram diretamente atingidos, como o profissional, o escolar e acadêmico, o social e o familiar. Entendendo que a produção do conhecimento perpassa necessariamente pela produção científica uma vez que possibilita o conhecimento, tanto do que vem sendo produzido como daqueles espaços que ainda não se constituíram foco de estudo, nesta edição abrimos novamente para divulgação de pesquisas e experiências exitosas por meio da apresentação de trabalhos científicos.

Palavras- chave: Educação em Saúde; Promoção da Saúde; Sexualidade; Infecções Sexualmente Transmissíveis

Área de Conhecimento: Saúde



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE

01, 07, 08, 09, 10 e 11 de dezembro

APRESENTAÇÃO



O II Fórum de Sexualidade em Saúde surgiu como resposta aos anseios dos participantes do I Fórum, por vivências na abordagem da sexualidade com os seus clientes/pacientes. Assim, o evento objetivou, mais uma vez, discutir a sexualidade com profissionais e acadêmicos de diversas categorias e população em geral. O II Fórum continuou sendo uma realização das profissionais Carolina Freitas do Carmo Rodrigues, Cristina Silvana da Silva Vasconcelos e Ana Paula Barbosa de Brito em parceria com:

- Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas (FESP),
- Universidade Federal do Tocantins (UFT), por meio do Projeto Sexualidade Responsável do Curso de Enfermagem.
- Faculdade ITPAC - Palmas/TO, por meio da Liga Acadêmica sobre Sexualidade e Identidade de Gênero (LASIG),
- Secretaria Municipal de Saúde de Palmas - Palmas/TO.

O período da pandemia da Covid-19 direcionou os esforços e investimentos da saúde pública para o enfrentamento da mesma, acarretando sobrecarga do sistema e dos profissionais, dificultando os atendimentos à sexualidade, incluindo disfunções, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e outras queixas crônicas, evidenciando a necessidade da permanência da realização deste evento. Com as restrições impostas, a segunda edição se remodelou para forma online para atingir o público, o que acarretou a ausência do levantamento de propostas, principalmente devido às limitações impostas por essa forma de apresentação, mas também pelo tempo disposto para o evento.

Baseada na interferência do isolamento na vida da população, o II Fórum se propôs a discutir a sexualidade em contextos que foram diretamente atingidos, como o profissional, o escolar e acadêmico, o social e o familiar. Entendendo que a produção do conhecimento perpassa necessariamente pela produção científica, uma vez que possibilita o conhecimento, tanto do que vem sendo produzido como daqueles espaços que ainda não se constituíram foco de estudo (SILVEIRA et al, 2014), nesta edição abrimos novamente para divulgação de pesquisas e experiências exitosas por meio da apresentação de trabalhos científicos.



No contexto profissional, o enfrentamento à pandemia do Covid-19 tem exigido de toda a Rede de Atenção à Saúde do mundo a implementação e organização de novos fluxos, com intuito de garantir a manutenção dos serviços e o acolhimento dos pacientes sintomáticos respiratórios, que tem alocado cada dia mais recursos financeiros e profissionais com foco na manutenção da vida. Ademais, os atendimentos online têm ganhado força, porém a crise sanitária, política, econômica e social atual amplificou as debilidades existentes, entre elas a discussão da sexualidade, e demanda inovações (MEDINA et al., 2020).

O isolamento, medida de prevenção adotada para redução da transmissão da Covid-19, limitou a ação das escolas e universidades para a ação educativa, uma vez que o papel social ficou centrado no âmbito familiar. Como uma instituição sócio histórica, o contexto escolar pode ser um potente mecanismo de construção de uma cultura democrática, garantindo equidade nos direitos e deveres das cidadãs e dos cidadãos. Sendo assim, a discussão e o combate às opressões e violências estruturais precisa ser um de seus compromissos prioritários. A escola, além da família, da mídia e da própria cultura, tem papel fundamental na socialização dos indivíduos e na construção de suas identidades, hábitos e condutas, o que se relaciona com as noções e concepções de corpo, gênero, sexualidade e todos os mitos, tabus, preconceitos e estereótipos que podem estar associados a essas temáticas.

Os estereótipos de gênero, como padrões de comportamento impostos e esperados de meninas/mulheres e de meninos/homens, estão presentes nos processos educativos familiares, escolares e sociais, o que permite à escola refletir o sexismo da própria cultura social. Segundo Maia (2012), “é fundamental para romper ideias cristalizadas e construídas na sociedade, formando um ser humano consciente das relações sociais a que está submetido, principalmente considerando esse ser humano no período da adolescência” (CASTRO, 2018).

Além disso, pesquisas constatam que a sexualidade é frequentemente tratada no contexto acadêmico de forma restrita e até mesmo superficial, comprometendo a compreensão adequada e profunda do tema e, em consequência, a construção do conhecimento do futuro profissional da saúde (SILVEIRA et al., 2014). Assim, essa realidade de repressão no contexto escolar e limitações no contexto acadêmico exigem o aprofundamento da educação sexual baseada em evidências científicas e discussões livres de estereótipos em ambos os âmbitos.



O contexto familiar também foi diretamente impactado pelo isolamento, destacando a importância das relações familiares estarem baseadas nos princípios do diálogo, negociação e argumentação, sem deixar de considerar a discussão do tema sexualidade no processo de educação dos filhos. No entanto, pesquisas verificaram que em muitos grupos sociais existe a concepção de que sexualidade não seria assunto para se conversar abertamente entre pais e filhos, pois comprometeria o respeito entre as gerações (SAVEGNAGO; ARPINI, 2016).

A literatura também alerta para o pouco diálogo familiar sobre este tema, a partir da perspectiva de adolescentes. Estudos realizados com pais e/ou mães de adolescentes sinalizam dificuldades relatadas por muitos deles para abordar o tema sexualidade junto aos filhos. Este cenário indica que ainda existe um longo caminho a ser trilhado no que se refere à busca por relacionamentos entre pais e filhos baseados no diálogo franco sobre o tema e pela confiança mútua (SAVEGNAGO; ARPINI, 2016).

Consequentemente, o impacto no contexto social foi inevitável. Na temática da sexualidade, que em nossa sociedade ocidental, foi histórica e culturalmente limitada em suas possibilidades de vivência, devido a tabus, mitos, preconceitos, interdições e relações de poder, faz-se necessário o aumento das discussões com base no exercício da liberdade e à saúde, levando em consideração que a sexualidade constitui-se numa dimensão fundamental em todo ciclo de vida de homens e mulheres, a qual envolve práticas e desejos ligados à satisfação, à afetividade, ao prazer aos sentimentos. Desta forma, é uma construção histórica, cultural e social, e se transforma conforme mudam as relações sociais (BRAZ, MIRANDA, 2019).

Focado na discussão desses impactos, o II Fórum atingiu 245 inscrições. Durante os dias do evento, contou com a participação de 28 convidados com expertise na temática, que participaram de rodas de conversas, palestras, vivências e apresentação de trabalhos científicos; 15 mediadores com vivência no âmbito da sexualidade; e 16 trabalhos científicos apresentados. O Fórum foi transmitido por meio do canal oficial do evento na plataforma YouTube nos dias 01 e 07 a 11 de dezembro de 2020. O evento conseguiu atingir em um único dia de transmissão 242 visualizações na plataforma e um total aproximado de mil visualizações dos vídeos disponíveis, evidenciando que o evento cumpriu seu propósito de transmitir conhecimento e colaborar na quebra de estigmas e preconceitos sobre a temática, além de embasar o conhecimento com produções científicas.



Como conquistas da segunda edição evidenciamos a ciência da UNAIDS sobre o evento, com envio de mensagem exclusiva ao Fórum pela diretora e representante da UNAIDS Brasil, convidando os participantes ao evento como forma de quebra de estigma e preconceito. Além disso, destacamos a participação de ouvintes, autores e palestrantes de todo o país, inclusive com envio de trabalhos científicos com experiências exitosas, aumentando ainda mais nosso escopo de alcance e impacto social.

O evento foi realizado com sucesso, tendo interação efetiva entre o público e os palestrantes. Os assuntos foram abordados de forma dinâmica, leve, com linguagem acessível e embasados em evidências científicas e vivências dos profissionais e pesquisadores, buscando transmitir e contribuir com aprendizado dos participantes do evento, fortalecendo assim o debate sobre a sexualidade no cotidiano social e profissional. Apesar do sucesso no alcance e na qualidade das discussões, evidenciados pela participação no chat e feedbacks posteriores, enfrentamos alguns desafios, como o manuseio da plataforma de transmissão, porém todos foram resolvidos de forma rápida e sem prejudicar o evento e a participação dos inscritos.

Ressaltamos, para a próxima edição, a necessidade de melhoria na participação dos profissionais, acadêmicos e residentes dos parceiros envolvidos, assim como de intensa divulgação em redes sociais e meios de comunicação, com o intuito de maior alcance do nosso público alvo. Somamos ao exposto, a necessidade de maior apoio técnico na realização do evento, visto a rotina intensa para planejamento e execução do evento.



SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO	11
RESUMOS	14
ABORDANDO LGBTQUIAFOBIA NO GRUPO DE HOMENS EM UM SERVIÇO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ESPECIALIZADO DE PALMAS-TO	15
Plácido Lúcio Rodrigues Medrado, Rhuan Carlos Cavalcante Lucas	15
AÇÕES DE PREVENÇÃO AO PAPILOMAVÍRUS HUMANO COM ALUNOS DE ESCOLAS MUNICIPAIS	17
Mateus Portilho Pires, Flávia Martins Montelo, Henrique Teixeira Abella, Eudilanay Ferreira de Moura, Jaqueline Peixoto Lima, Ulisses Vilela Hipólito, Mirian Cristina dos Santos Almeida	17
AÇÕES DO PROJETO SEXUALIDADE RESPONSÁVEL DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS	19
Débora Leão Alves, Jeyce Kelly da Silva Messias, Gabriela Larissa Vieira Pinto, Nayane de Sousa Silva Santos, Mirian Cristina dos Santos Almeida, Ulisses Vilela Hipólito	19
A SAÚDE SEXUAL DE LÉSBICAS E MULHERES BISSEXUAIS NO TOCANTINS: O CONHECIMENTO A RESPEITO DE ISTS E HIV/AIDS	21
Rafaela Nunes Preihs Moreira, Tífane Cléia Alves de Freitas, Ana Virgínia Gama	21
AVALIAÇÃO DO PRÉ-NATAL EM RELAÇÃO À SIFÍLIS CONGÊNITA	23
Jaqueline Peixoto Lima, Helder Barros Tomaz, Kathrinne Carvalho Santos, Nayane de Sousa Silva Santos, Ulisses Hipólito Vilela, Mirian Cristina dos Santos Almeida	23
CONTRIBUIÇÕES DE UMA PALESTRA SOBRE SAÚDE LGBTQUIA+ PARA AFORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS ENFERMEIROS	25
Gabriela Ferreira Mendes, Dayana Ferreira dos Reis	25
EXPERIÊNCIA DE PROFISSIONAIS SOBRE A PARTICIPAÇÃO EM UM GRUPO DE ESTUDO DE SEXUALIDADE E GÊNERO	27
Cristina Silvana da Silva Vasconcelos, Carolina Aguiar Alves, Plácido Lucio Rodrigues Medrado, Carolina Freitas do Carmo	27
EXPERIÊNCIA PET INTERPROFISSIONALIDADE DE INCLUSÃO: PREVENÇÃO DO CÂNCER NA POPULAÇÃO CIS E TRANS	29
Sérgio Aboud, Wagner Valentim de Alão, Silvana Cardoso Pelluso, Kelly Cristina Coelho de Moura, Luciana Rodrigues da Silva	29
FISIOTERAPIA NO TRATAMENTO DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS EM MULHERES	31
Agrinazio Geraldo Nascimento Neto, Wellington Calos da Silva, Guthierri Alves Mota, Natália Bezerra de Carvalho, Florence Germaine Tible Lainscek	31
GRUPO DE ESTUDO EM SEXUALIDADE E GÊNERO	33
Carolina Freitas do Carmo Rodrigues, Cristina Silvana da Silva Vasconcelos, Plácido Lucio Rodrigues Medrado	33



NECESSIDADES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	35
Paulo Henrique Alves Monteiro de Oliveira, Layne Pereira Brito, ElayneCarolynne Torres Pereira, Baruc de Castro, Fernanda Maria Fernandes do Carmo Lemos, Ulisses Vilela Hipólito, Mirian Cristina dos Santos Almeida, Nayane de Sousa Silva Santos	35
O CONCEITO DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES	37
Edvana Maria Santana Ferreira.....	37
PROJETO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PROFISSIONAIS DO CENTRO SAÚDE DA COMUNIDADE SÁTILO ALVES E GESTORES	39
Aline Lima Medeiros, Cleber Felix Bizerra Silva, Leticia Soares Lima, Lisandra Lustoza Ferro, Maria do Socorro Rocha Sarmiento, Natália Lorryne Morais Ferreira, Tatiane Dias Cardoso.	39
REALIDADE DA VIOLÊNCIA SEXUAL SOFRIDA POR MULHERES E ADOLESCENTES NO BRASIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA	41
Vanessa Cristina Guedes Silveira, Débora Leão Alves, Anna Karollyna Gomes Moreira Farinha, Alexandre Andrade Mescoloti, Elayne Carolynne Torres Pereira, Márcia Cristina Terra de Siqueira Peres.....	41
REVISÃO DE LITERATURA: CONHECIMENTO, ATITUDE E PRÁTICA (CAP) SOBRE CONTRACEPTIVO DE EMERGÊNCIA ENTRE MULHERES	43
SEXUALIDADES E EMPODERAMENTO DAS MULHERES NA COMUNIDADE BAIXÃO DO GUAÍ	45
Deise Queiroz da Silva, Juliana Lima Santos, Matheus Santana Sampaio.....	45
CONSIDERAÇÕES	47
REFERÊNCIAS	49



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE

01, 07, 08, 09, 10 e 11 de dezembro

PROGRAMAÇÃO



01/12/2020 CONTEXTO PROFISSIONAL

19 h – 20 h

- **Abertura: Os desafios e avanços do movimento de luta contra a Aids.**
Rafaela Queiroz (Psicóloga, pós graduanda em psicopedagogia, ativista e militante em Direitos Humanos e HIV/Aids)

Mediadora: Ma Enfermeira Carolina Freitas

20 h – 21 h

- **Roda de Conversa: Dimensões políticas e práticas de Prevenção Combinada em Palmas (TO)**

Ma Biomédica Fernanda Maria (técnica da SEMUS com expertise na vigilância de IST) e Esp. Mirelly Godoy (Especialista em Saúde da Família e Comunidade)

Mediadora: Esp Psicóloga Cristina Vasconcelos

21 h – 22 h

- **Roda de conversa: A vivência e o cuidado com a PVHA no âmbito da Rede de Atenção à Saúde**

Ma Enfermeira Mônica Bandeira (Especialista em Saúde Pública com vasta experiência no cuidado da PVHA) e Enfermeira Karina Ramos (Enfermeira do Serviço de Atenção Especializada Henfil)

Mediadora: Esp Odontóloga Ana Paula Barbosa

22h - Vivência: Entre a clínica e arte

Ma Jessika Villalon (Mulher trans licenciada em Teatro e Ma em Gestão de Políticas Públicas pela UFT) e Jamison Nascimento (Educador Físico com experiência em humanização)

Mediadora: Esp Psicóloga Cristina Vasconcelos

07/12/2020 CONTEXTO ESCOLAR E ACADÊMICO

19 h – 19h50

- **Palestra: O lugar da escola na Educação Sexual**

Ma Larissa Rosa (Psicóloga, Mestra em Teoria e Pesquisa do Comportamento)

Mediadora: Esp Psicóloga Cristina Vasconcelos

19h50 – 21h10

- **Roda de conversa: A inclusão da sexualidade na academia**

Esp Médica Ana Virgínia (Ginecologista - Obstetra e Sexóloga, docente responsável pela disciplina Sexologia - ITPAC), Dra Enfermeira Mirian Almeida (Dra. em Ciências, Mestre em Enfermagem e Especialista em Saúde da Família, docente responsável pelo projeto Sexualidade Responsável - UFT) e Ma Márcia Cristina Peres (Ginecologista - Obstetra e Sexóloga, docente orientadora da Liga Acadêmica sobre Sexualidade e Identidade de Gênero (LASIG) - ITPAC)

Mediadora: Esp Odontóloga Ana Paula Barbosa

21h10 – 22h

- **Palestra: Deseducação Sexual na Adolescência**

Esp Enfermeira Sâmia Chabo (Especialista em Educação Sexual e Sexologia)

Mediadora: Ma Enfermeira Carolina Freitas

22 h – 22h30

- **Vivência: A poesia do ser e permanecer: uma vivência artística de autocuidado.**

Ma Artista Biannca Alencar (Mestra em Educação)



08/12/2020 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

19 h – 21 h

09/12/2020 CONTEXTO SOCIAL

19 h – 20 h

- **Palestra: *Direitos Sexuais***

Me Graduado em Direito Dilson Pereira (Mestre em Propriedade Intelectual e Inovação para Transferência de Tecnologia e integrante do Grupo de Estudo em Sexualidade e Gênero)

Mediadora: Ma Enfermeira Carolina Freitas

20 h – 21 h

- **Roda de conversa: *Os desafios ainda enfrentados pela população LGBTQIA+ na sociedade***

Daniel Lima (Psicólogo especialista em Saúde da Família) e Byanca Marchiori (presidente da ATRATO - Associação das Travestis e Transsexuais do Tocantins)

Mediadora: Esp Psicóloga Stephanie Santana

21h – 22 h

- **Palestra: *A abordagem da sexualidade para além do biomédico***

Esp Médica Danuta Duarte (Ativista LGBTQIA+ e especialista em Saúde da Família)

Mediadora: Esp Odontóloga Ana Paula Barbosa

22h – 22h30

- **Vivência: *Fruir, desencadear e amar. Do eu ao nós.***

Lucas Justino Vettore (Licenciado em Artes Teatro, diretor regional da Federação Tocantinense de Artes Cênicas do Tocantins - FETAC)

10/12/2020 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

19 h – 21 h

11/12/2020 CONTEXTO FAMILIAR

19 h – 20 h

- **Roda de conversa: *A vivência da sexualidade no âmbito familiar***

Esp Psicólogo Plácido Medrado (Especialista em Docência do Ensino Superior e integrante do Grupo de Estudo em Sexualidade e Gênero) e Greta Lopes (Presidente da TRANSBORDA - SP)

Mediador: Guilherme Ferreira (Estudante de Medicina e integrante da LASIG)

20 h – 21 h (1 hora)

- **Palestra: *A vivência da população LGBTQIA+ na ABS e na família.***

Esp Enfermeiro Wendy Delgado (Especialista em Saúde da Família e Comunidade e pesquisador da saúde da população LGBTQIA+)

Mediadora: Nathália de Lima Queiroz (Estudante de Medicina e integrante da LASIG)

- **Encerramento: *A sexualidade em diferentes contextos e perspectivas futuras***

Ma Enfermeira Esp Odontóloga Ana Paula Barbosa (Especialista em Saúde da Família e em Saúde Coletiva); Carolina Freitas (Orientadora Sexual, Mestra Ensino em Ciências e Saúde e especialista em Psicologia e Sexualidade) e Esp Psicóloga Cristina Vasconcelos (Especialista em Gestão de Pessoas por Competências e em Saúde Coletiva)



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE

01, 07, 08, 09, 10 e 11 de dezembro

RESUMOS



ABORDANDO LGBTQUIAFOBIA NO GRUPO DE HOMENS EM UM SERVIÇO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ESPECIALIZADO DE PALMAS-TO

Plácido Lúcio Rodrigues Medrado¹, Rhuan Carlos Cavalcante Lucas²

Introdução. Segundo o Manual Orientador da Diversidade dos Ministérios dos Direitos Humanos (2018) o Brasil é o país do mundo onde anualmente mais pessoas LGBTQIA (lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, queer, intersexo e assexual) são assassinadas. O que nos permite pensar que este dado pode estar relacionado ao modelo de sociedade brasileira patriarcal, machista e LGBTQUIAfóbica, no qual a pessoa cisgênero e de orientação heterossexual é considerada como um padrão correto de existir. Assim, a população LGBTQIA fica à margem da sociedade e mais vulnerável a sofrer discriminações. **Objetivo:** Relatar a vivência de dois encontros presenciais do grupo de homens, realizados no mês de maio de 2019 em um serviço de atenção psicossocial especializado de Palmas-TO, no qual abordou-se a temática LGBTQUIAfobia. Por meio desses encontros buscamos sensibilizar os participantes do grupo quanto ao tema proposto, além da possibilidade de compreender a relação desse assunto com o machismo e masculinidades. **Método:** Trata-se de um relato de experiência de um Psicólogo residente em Saúde Mental de Palmas-TO que propôs dois encontros presenciais sobre LGBTQUIAfobia no grupo de homens de um centro de atenção psicossocial especializado. No primeiro dia foram distribuídos aleatoriamente entre os homens do grupo fotos com notícias jornalísticas sobre casos de violências às minorias sexuais no Brasil, para que os participantes pudessem discorrer sua opinião acerca do assunto. Foi percebido a princípio, um estranhamento dos membros do grupo e a posteriori a maioria se posicionou contra os diversos tipos de violência direcionadas a população LGBTQIA+. No segundo encontro, foi utilizado a “dinâmica do concordo e discordo” (adaptada de Di Pierro e Ortiz, 2011) e teve como intuito identificar as percepções dos homens sobre as relações de gênero e LGBTQUIAfobia no cotidiano. **Resultados:** A maioria dos homens do grupo foram participativos e expuseram suas concepções baseadas em crenças pessoais, relatos de situações do dia a dia e também em questões religiosas. Percebeu-se respeito mútuo, polêmica no assunto e discurso de não aceitação social da homossexualidade e travestilidade. **Considerações finais:** Diante desses dois momentos realizados, depreende-se que o objetivo de sensibilizar o grupo composto majoritariamente por homens heterossexuais, quanto às questões do respeito às diversidades sexuais foi alcançado, colocando em questão a necessidade de pesquisas sobre o assunto, tendo como campo de investigação a relação das masculinidades e do machismo com a LGBTQUIAfobia. **Implicações para prática:** É essencial abordar essa temática em grupos de homens, tanto na atenção especializada quanto em outros espaços comunitários e de saúde, colocando, sobretudo, em pauta o respeito a diversidade sexual humana.

Palavras chave: LGBTQUIAfobia. Grupo de homens. Masculinidades. Machismo. Atenção psicossocial especializada.

¹Psicólogo, Especialista em Docência do Ensino Superior –Secretaria de Assistência Social, Porto Nacional-TO, placido.medrado01@gmail.com

²Enfermeiro, Especialista em Saúde Mental – Prefeitura de Palmas-TO, rhuancarlos20@gmail.com



ABORDANDO LGBTQIAFOBIA NO GRUPO DE HOMENS EM UM SERVIÇO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ESPECIALIZADO DE PALMAS-TO

Plácido Lúcio Rodrigues Medrado¹, Rhuan Carlos Cavalcante Lucas²

¹Secretaria de Assistência Social, Porto Nacional-TO. placido.medrado01@gmail.com

²Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Humano, Palmas-TO

INTRODUÇÃO

Segundo o Manual Orientador da Diversidade do Ministério dos Direitos Humanos (2018) o Brasil é o país do mundo onde anualmente mais pessoas LGBTQIA (lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, queer, intersexo e assexual) são assassinadas. O que nos permite pensar que este dado pode estar relacionado ao modelo de sociedade brasileira patriarcal, machista LGBTQIAfóbica, no qual a pessoa cisgênero e de orientação heterossexual é considerada como um padrão correto de existir. Assim, a população LGBTQIA fica à margem da sociedade e mais vulnerável a sofrer discriminações.

OBJETIVO

Relatar a vivência de dois encontros presenciais do grupo de homens, realizados no mês de maio de 2019 em um serviço de atenção psicossocial especializado de Palmas-TO, no qual abordou-se a temática LGBTQIAfobia. Por meio desses encontros buscamos sensibilizar os participantes do grupo quanto ao tema proposto, além da possibilidade de compreender a relação desse assunto com o machismo e masculinidades.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência de um Psicólogo residente em Saúde Mental de Palmas-TO que propositou dois encontros presenciais sobre LGBTQIAfobia no grupo de homens de um serviço especializado. Realizou-se no primeiro momento, uma discussão sobre o tema, por meio de fotos disparadoras, contendo notícias jornalísticas sobre casos de violências as minorias sexuais no Brasil. No segundo encontro, foi utilizado a “dinâmica do concordo e discordo” (adaptada de Di Pierro e Ortiz, 2011) e teve como intuito identificar as percepções dos homens sobre as relações de gênero e LGBTQIAfobia no cotidiano.

RESULTADOS

A maioria dos homens do grupo foram participativos e expuseram suas concepções baseadas em crenças pessoais, relatos de situações do dia a dia e também em questões religiosas. Percebeu-se respeito mútuo, polêmica no assunto e discurso de não aceitação social da homossexualidade e travestilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desses dois encontros realizados, depreende-se que o objetivo de sensibilizar o grupo composto majoritariamente por homens heterossexuais, quanto às questões do respeito às diversidades sexuais foi alcançado, colocando em questão a necessidade de pesquisas sobre o assunto, tendo como campo de investigação a relação das masculinidades e do machismo com a LGBTQIAfobia.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA

É essencial abordar essa temática em grupos de homens, tanto na atenção especializada quanto em outros espaços comunitários e de saúde, colocando, sobretudo, em pauta o respeito a diversidade sexual humana.



Foto 1. Finalização da construção das placas. Dinâmica Concorde e Discordo (adaptada de Di Pierro e Ortiz, 2011)

REFERÊNCIAS

DI PIERRO, G.; ORTIZ, M. Gênero fora da caixa: **guia prático para educadores e educadoras**. Projeto Juventude, Gênero e Espaço Público. São Paulo: EMpower, 2011.

PINTO, M. E. S. M. et al. **Manual orientador sobre diversidade**. 2018.



AÇÕES DE PREVENÇÃO AO PAPILOMAVÍRUS HUMANO COM ALUNOS DE ESCOLAS MUNICIPAIS

Mateus Portilho Pires¹, Flávia Martins Montelo², Henrique Teixeira Abella³, Eudilanay Ferreira de Moura⁴, Jaqueline Peixoto Lima⁵, Ulisses Vilela Hipólito⁶, Mirian Cristina dos Santos Almeida⁷

Introdução: O Papilomavírus Humano (HPV) é considerado uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) que provoca verrugas e até câncer dependendo de sua variação. Além da transmissão sexual é transmitido por contato direto com a pele ou mucosa infectada. Entre os diversos tipos de HPV, estão o 16 e 18 relacionados a maiores índices de câncer, responsáveis por 70% dos casos de câncer cervical, 90% de casos de câncer de ânus, 60% de casos de câncer de vagina e 50% de câncer de vulva, além dos cânceres de garganta, boca e pênis. **Objetivo:** Descrever a experiência das ações desenvolvidas no Projeto Imuniza Escola, com estudantes da rede municipal da região norte de Palmas - TO, durante o período de outubro de 2018 a dezembro de 2019. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, sobre as ações do Projeto de Extensão “Imuniza Escola” do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins em cooperação com 4 escolas municipais e centros de saúde da comunidade de Palmas-TO. O público alvo foram pré-adolescentes e adolescentes escolares. Os extensionistas realizaram, no ambiente escolar, grupos de educação em saúde sobre o HPV e a importância da vacinação e posteriormente solicitaram as carteiras de vacinação para análise e imunização, com anuência dos responsáveis. **Resultados:** No período, participaram dos grupos educativos 3566 estudantes. Destes, 938 apresentaram os cartões de vacina para análise e 404 estavam com estado vacinal contra o HPV em atraso. Imunizaram-se 229 estudantes com a primeira dose e 175 com a segunda dose da vacina contra o HPV. **Conclusão:** Essa experiência proporcionou ao extensionista a oportunidade de praticar o conteúdo ministrado na academia e a aproximação com a comunidade, além de aumentar a cobertura vacinal em relação ao HPV e contribuir para disseminação do conhecimento sobre a importância da imunização contra o HPV. **Implicações para a prática:** A prática do processo de educação em saúde precisa ser exercitada além do ambiente acadêmico e serviços de saúde, por meio de parcerias com outros setores da comunidade, como escolas, igrejas e centros comunitários. O conhecimento sobre o HPV e os benefícios da imunização atrelado a busca ativa por meio da análise das carteiras de vacinação, contribui para a promoção da saúde e prevenção da doença, propiciando oportunidade para o engajamento da população, ao mesmo tempo que proporciona um novo olhar para a prática das atividades extramuro. Dessa forma, o projeto de extensão colabora para a prevenção do HPV e conseqüente redução do número de casos de câncer causados pelo papilomavírus humano.

Descritores: Enfermagem. Educação em Saúde. Imunização. Cobertura Vacinal. Papillomaviridae.

¹Acadêmico de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: mateusportilhopires@gmail.com

²Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.

³Acadêmico de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.

⁴Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.

⁵Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.

⁶Enfermeiro. Doutor em Ciências. Professor do curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins

⁷Enfermeira. Doutora em Ciências. Professora do curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE

AÇÕES DE PREVENÇÃO AO PAPILOMAVÍRUS HUMANO COM ALUNOS DE ESCOLAS MUNICIPAIS

Mateus Portilho Pires, Flávia Martins Montelo, Henrique Teixeira Abella, Eudilanay Ferreira de Moura, Jaqueline Peixoto Lima, Ulisses Vilela Hipólito, Mirian Cristina dos Santos Almeida
mateusportilhopires@gmail.com
Universidade Federal do Tocantins

INTRODUÇÃO

O Papilomavírus Humano (HPV) é considerado uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) que provoca verrugas e até câncer dependendo de sua variação. Além da transmissão sexual, é transmitido por contato direto com a pele ou mucosa infectada.

OBJETIVO

Descrever a experiência das ações desenvolvidas no Projeto Imuniza Escola, com estudantes da rede municipal da região norte de Palmas - TO, durante o período de outubro de 2018 a dezembro de 2019.

MÉTODO

Tipo de estudo: estudo descritivo, do tipo relato de experiência.

Local de realização: 4 escolas municipais e centros de saúde da comunidade de Palmas-TO.

Público alvo: pré-adolescentes e adolescentes escolares.

Atividades desenvolvidas: grupos de educação em saúde sobre o HPV e importância da vacinação e análise das carteiras de vacinação e imunização com anuência dos responsáveis.

RESULTADOS

No período, participaram dos grupos educativos 3566 estudantes sendo que destes:

938 apresentaram os cartões de vacina para análise

404 estavam com estado vacinal contra HPV em atraso.

229 estudantes foram imunizados com a primeira dose da vacina HPV.

175 estudantes foram imunizados com a segunda dose da vacina HPV.



CONCLUSÃO

Essa experiência proporcionou ao extensionista:

- Oportunidade de praticar o conteúdo ministrado na academia;
- Aproximação com a comunidade;
- Aumento da cobertura vacinal em relação ao HPV;
- Disseminação do conhecimento sobre a importância da imunização contra o HPV.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA

O projeto de extensão colabora para a prevenção do HPV e conseqüente redução do número de casos de câncer causados pelo papilomavírus humano.

REFERÊNCIAS

HPV. **Febrasgo**, São Paulo, 22 de jun. de 2017.
Disponível em:
<<https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/120-hpv>>.
Acesso em: 12 de nov. de 2020.



AÇÕES DO PROJETO SEXUALIDADE RESPONSÁVEL DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Débora Leão Alves¹, Jeyce Kelly da Silva Messias¹, Gabriela Larissa Vieira Pinto¹,
Nayane de Sousa Silva Santos², Mirian Cristina dos Santos Almeida³, Ulisses Vilela
Hipólito⁴

Introdução: No Brasil, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) tornaram-se um grande problema de saúde pública devido ao seu crescimento nos últimos anos. Essas infecções impactam na qualidade de vida das pessoas, nas relações pessoais, familiares e sociais, sendo necessária intervenção com finalidade de prevenir e realizar o diagnóstico e tratamento precocemente. **Objetivo:** Descrever as atividades voltadas ao enfrentamento das IST desenvolvidas no Projeto de Extensão Sexualidade Responsável. **Método:** Estudo descritivo, do tipo relato de experiência. Após treinamento teórico-prático em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Palmas - TO, os extensionistas do Projeto Sexualidade Responsável do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins realizaram atividades de educação em saúde sobre IST, distribuição de preservativos e géis lubrificantes e testagens rápidas para hepatites B e C, sífilis e HIV, no período de outubro de 2018 a março de 2020. **Resultados:** Receberam treinamento 57 extensionistas, foram realizadas 13 ações (5 em Instituições de Ensino Superior, 2 em Instituição Ensino Tecnológico e Superior, 1 na Universidade da Maturidade, 1 em Centro de Saúde Comunitária, 1 em Estação de ônibus, 1 no Terminal Rodoviário de Palmas, 1 Parque dos Povos Indígenas e 1 em um Centro Comunitário) e foram distribuídos 15.536 preservativos e 8.000 géis lubrificantes durante as ações e depositados em dispensadores nos banheiros de duas universidades públicas. Nessas 13 ações, 876 indivíduos realizaram testes rápidos para HIV, Hepatites B e C e Sífilis. Três ações ocorreram em parceria com outras instituições, ficando o cadastro dos usuários sob a responsabilidade dessas. Dos 573 indivíduos testados em ações sob responsabilidade exclusiva do projeto, detectou-se 16 resultados reagentes para sífilis, e 2 de HIV. **Conclusão:** Nota-se que além da detecção de IST o projeto contribuiu socialmente no enfrentamento das IST com a disseminação de conhecimento durante as fases pré e pós teste, distribuição de métodos preventivos e encaminhamento dos indivíduos com resultados reagente para acompanhamento em outros locais da rede de atenção à saúde. Para os discentes o projeto de extensão representa uma oportunidade singular de aprendizagem direcionada para o desenvolvimento de habilidades práticas, de relações humanas, aprimoramento do conhecimento, aumento da produção científica e participação em eventos. **Implicações para Prática:** A extensão universitária gerou impactos positivos na formação dos alunos ao mesmo tempo que contribuiu com o enfrentamento das IST.

Palavras-Chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis. Sexualidade. Testes rápidos.

¹ Discentes do curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins

² Enfermeira. Mestre em Ciências da Saúde. Professora do curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins ³ Enfermeira. Doutora em Ciências. Professora do curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins

⁴ Enfermeiro. Doutor em Ciências. Professor do curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins

Contato: Débora Leão Alves deboraleao16@gmail.com



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE

AÇÕES DO PROJETO SEXUALIDADE RESPONSÁVEL DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Débora Leão Alves, Jeyce Kelly da Silva Messias, Gabriela Larissa Vieira Pinto, Nayane de Sousa Silva Santos, Mirian Cristina dos Santos Almeida, Ulisses Vilela Hipólito
E-mail: deboraleao16@gmail.com

INTRODUÇÃO

No Brasil, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) tornaram-se um grande problema de saúde pública devido ao seu crescimento nos últimos anos. Essas infecções impactam na qualidade de vida das pessoas, nas relações pessoais, familiares e sociais, sendo necessário intervenção com finalidade de prevenir e realizar o diagnóstico e tratamento precocemente.

MÉTODO

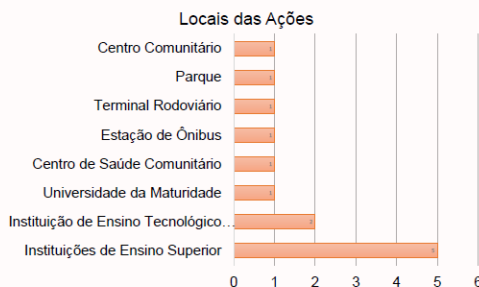
Estudo descritivo, do tipo relato de experiência. Após treinamento teórico-prático em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Palmas - TO, os extensionistas do Projeto Sexualidade Responsável do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins realizaram atividades de educação em saúde sobre IST, distribuição de preservativos e géis lubrificantes e testagens rápidas para hepatites B e C, sífilis e HIV, no período de outubro de 2018 a março de 2020.

OBJETIVO

Descrever as atividades voltadas ao enfrentamento das IST desenvolvidas no Projeto de Extensão Sexualidade Responsável.

RESULTADOS

Receberam treinamento 57 extensionistas. Distribuiu-se um total de 15.536 preservativos e 8.000 géis lubrificantes durante as ações e nos dispensadores nos banheiros de duas universidades públicas. Foram realizadas 13 ações de testagem rápida, nessas, participaram 876 indivíduos. Três ações ocorreram em parceria com outras instituições, ficando o cadastro dos usuários sob a responsabilidade dessas.



Fonte: elaborado pelos autores.

Número de testes rápidos realizados e resultados reagentes para HIV, sífilis, hepatites B e C dos 573 participantes sob responsabilidade do Projeto Sexualidade Responsável:

Testes	Nº de testes realizados	Resultados reagentes
HIV	608	2
Sífilis	647	16
Hepatite B	445	0
Hepatites C	594	0
Total	2294	18

Fonte: elaborado pelos autores.

CONCLUSÃO

Nota-se que além da detecção de IST o projeto contribuiu socialmente no enfrentamento das IST com a disseminação de conhecimento durante as fases pré e pós teste, distribuição de métodos preventivos e encaminhamento dos indivíduos com resultados reagente para acompanhamento em outros locais da rede de atenção à saúde. Para os discentes o projeto de extensão representa uma oportunidade singular de aprendizagem direcionada para o desenvolvimento de habilidades práticas, de relações humanas, aprimoramento do conhecimento, aumento da produção científica e participação em eventos.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA

A extensão universitária gerou impactos positivos na formação dos alunos ao mesmo tempo que contribuiu com o enfrentamento das IST.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.



A SAÚDE SEXUAL DE LÉSBICAS E MULHERES BISSEXUAIS NO TOCANTINS: O CONHECIMENTO A RESPEITO DE ISTS E HIV/AIDS

Rafaela Nunes Preihs Moreira¹, TífaneCléia Alves de Freitas², Ana Virgínia Gama³

Introdução: A invisibilidade social que o meio LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) sofre, devido a um contexto sociocultural e histórico carregado de preconceitos e estigmas, reflete negativamente na saúde pública desse grupo. Quando voltada para a comunidade de mulheres que se relacionam com mulheres (MSM), a notoriedade é ainda menor, pois além de uma visibilidade seletiva com foco para o homossexual masculino, há também crenças da imunidade à transmissão de ISTs e HIV/AIDS. Tal situação faz com que haja baixa adesão às práticas de cuidados preventivos, tornando-as vulneráveis no âmbito da saúde sexual e reduzindo sua qualidade de vida. **Objetivo:** demonstrar o conhecimento de mulheres lésbicas e bissexuais, quanto a prevenção e promoção a respeito de ISTs e HIV/AIDS. **Metodologia:** a presente pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética sob o número 29248620.2.0000.8075. Foram estudados os conhecimentos de mulheres lésbicas e bissexuais no Tocantins sobre a saúde sexual, ISTs e HIV/AIDS por meio da realização de dois grupos focais, compostos por uma amostra de 11 mulheres válidas selecionadas por meio de divulgação dos encontros nas redes sociais e através do método snowball linear. Ocorreram três reuniões cada grupo, em datas e horários distintos, guiadas por um roteiro com questionamentos acerca do tema voltado para saúde sexual, em que as variáveis idade, grau de escolaridade, orientação sexual e cidade residente das participantes influenciaram na pesquisa. Os encontros foram áudio-gravados, transcritos e analisados. **Resultados:** obteve-se 11 participantes válidas no total entre os dois grupos focais, os quais tiveram 3 encontros cada em dias e horários distintos. De modo geral, lésbicas e mulheres bissexuais ainda necessitam de orientações quanto à prevenção voltada para sua saúde sexual. **Discussão:** a necessidade da difusão de informações sobre a saúde sexual de mulheres que se relacionam com mulheres é de extrema importância, pois é uma parcela da população considerada vulnerável e que precisa de visibilidade e cuidados. A negligência profissional, discriminação e o medo do preconceito são fatores enraizados, frutos da heteronormatividade compulsória ao longo dos anos e que reflete diretamente na saúde pública dessas mulheres. **Considerações finais:** o combate ao preconceito dentro e fora dos serviços de saúde faz com que esse grupo de mulheres tenha mais visibilidade, tornando possível a realização de políticas públicas efetivas e específicas, gerando, então, difusão de informações sobre a saúde sexual de mulheres que se relacionam com mulheres e formando um ciclo de promoção à saúde. **Implicações para a prática:** Portanto, torna-se necessária a realização de capacitações profissionais dentro dos serviços de saúde, assim como também uma ação de combate ao preconceito, para que assim possa haver um atendimento integral, acolhedor, eficiente e humano para as mulheres que se relacionam com mulheres.

Palavras Chave: Lésbicas. Mulheres bissexuais. Saúde pública. Saúde sexual.

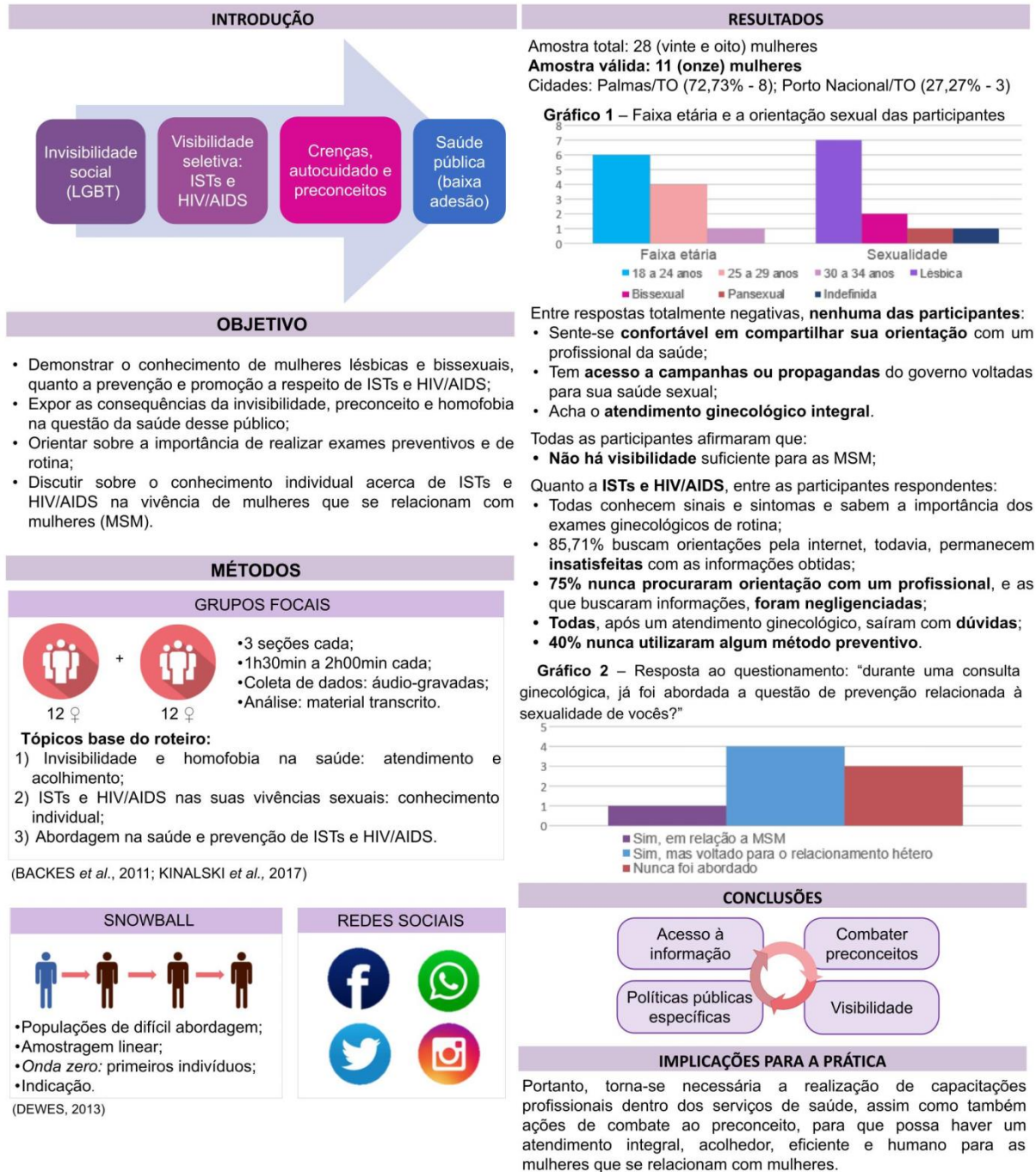
¹ Acadêmica do Curso de Medicina do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos

² Acadêmica do Curso de Medicina do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos, contato: tifanecléya@gmail.com

³ Médica Ginecologista e Obstetra, com área de atuação em Sexologia e docente do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos

A SAÚDE SEXUAL DE LÉSBICAS E MULHERES BISSEXUAIS NO TOCANTINS: O CONHECIMENTO A RESPEITO DE ISTs E HIV/AIDS

Rafaela Nunes Preihs Moreira¹, Tífane Cléia Alves de Freitas¹, Ana Virgínia Gama²



¹ Acadêmica do Curso de Medicina – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos. Contato: tifaneclaya@gmail.com

² Médica Ginecologista e Obstetra, com área de atuação em Sexologia e docente do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (Orientadora)



AValiação DO PRÉ-NATAL EM RElaÇÃO À SÍFILIS CONGÊNITA

Jaqueline Peixoto Lima¹, Helder Barros Tomaz², Kathrinne Carvalho Santos², Nayane de Sousa Silva Santos³, Ulisses Hipólito Vilela⁴, Mirian Cristina dos Santos Almeida⁵

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível (IST) que possui abrangência mundial, sendo considerada com um problema de saúde pública no cenário nacional. Sem o diagnóstico e tratamento adequado durante a gestação, pode ser transmitida por via placentária ou pelo canal vaginal durante o parto normal, levando à sífilis congênita (SC). **Objetivo:** Avaliar a assistência pré-natal na prevenção da transmissão vertical da Sífilis, no estado do Tocantins entre os anos de 2014 a 2018. **Método:** Estudo de abordagem descritivo, epidemiológico, realizado no período de janeiro a maio de 2020 com dados secundários disponibilizados pelo Ministério da Saúde, em banco de dados público, no endereço <http://indicadorestifilis.aids.gov.br/>. **Resultados:** Foram identificadas notificações de 1.165 gestantes com sífilis; 1.205 casos de sífilis congênita em menores de um ano; 21 abortos e 25 natimortos por sífilis; e 14 óbitos por sífilis congênita no período estudado. Houve predomínio de gestantes pardas (72,94%), com baixa escolaridade. Nos casos de sífilis congênita, a maioria (89,41%) das mães realizou o pré-natal e mais de 43% dos diagnósticos maternos ocorreram somente no momento ou após o parto/curetagem. Um terço dos casos de sífilis na gestação foi diagnosticado no primeiro trimestre. Em relação ao esquema de tratamento dos casos de SC apenas 2,65% das mães dos conceitos e 12,74% dos parceiros destas fizeram o tratamento adequado. **Conclusão:** Observa-se a necessidade de implementação de novas estratégias e medidas para melhoria da assistência pré-natal prestada a gestante e consequente diminuição da incidência da SC proporcionado a redução de abortos e óbitos. **Implicações para a prática:** As falhas identificadas na assistência pré-natal em relação à prevenção da sífilis congênita evidenciam a necessidade de investimento nas atividades de educação sexual para gestantes e familiares em relação a prevenção, diagnóstico e importância do tratamento. Outro aspecto relevante diz respeito à educação permanente dos profissionais quanto ao manejo da sífilis na gestação, enfocando o enfrentamento com ações efetivas às necessidades de cada paciente, atentando para o diagnóstico precoce, orientação sobre a doença e suas consequências em relação à vida da mulher e do conceito, inclusão do parceiro no pré-natal, buscando a interrupção da cadeia de transmissão vertical, culminando na diminuição dos casos de sífilis congênita.

Palavras Chave: Sífilis. Sífilis Congênita. Transmissão Vertical de Doença Infecciosa. Cuidado Pré-natal.

¹ Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins. Email: peixoto.jaquelineto08@gmail.com

² Acadêmico de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.

³ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.

⁴ Enfermeiro. Doutor em Ciências. Professor do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.

⁵ Enfermeira. Doutora em Ciências. Tutora do Programa de Educação Permanente da Atenção Primária e Vigilância em Saúde (PEP-APVS) na Fundação Escola Saúde Pública de Palmas (FESP). Professora do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE

ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL E SÍFILIS CONGÊNITA NO TOCANTINS

Jaqueline Peixoto Lima

Helder Barros Tomaz

Kathrinne Carvalho Santos

Nayane de Sousa Silva Santos

Ulisses Vilela Hipólito

Mirian Cristina dos Santos Almeida



Universidade Federal do Tocantins



INTRODUÇÃO

A sífilis, uma infecção sexualmente transmissível (IST) possui abrangência mundial, sendo considerada atualmente um problema de saúde pública no cenário nacional. Sem o diagnóstico e tratamento adequando durante a gestação, pode ser transmitida por via placentária ou pelo canal vaginal durante o parto normal, levando à sífilis congênita (SC).

OBJETIVO

Avaliar a assistência pré-natal na prevenção da transmissão vertical da Sífilis, no estado do Tocantins entre os anos de 2014 a 2018.

MÉTODO

Tipo de estudo- Descritivo, epidemiológico.

Coleta de dados- De janeiro a maio de 2020 nos bancos de dados público disponibilizados pelo ministério da saúde: DATASUS e Indicadores e dados básicos da sífilis nos municípios brasileiros.

Aspectos éticos- Seguindo os preceitos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, esta pesquisa constituída de informações de banco de dados de domínio público, não necessitou de registro e avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Análise dos dados- Os dados foram inseridos na planilha do programa de computador Microsoft Office Excel® 2007, analisados por meio de estatística descritiva simples (frequência absoluta e frequência relativa) e apresentados na forma de tabelas e figura.

RESULTADOS

1.165 Notificações de gestantes com sífilis.

1.209 Casos de sífilis congênita em menores de um ano.

21 Abortos e 25 natimortos por sífilis

14 Óbitos por sífilis congênita.

Perfil predominante: gestantes pardas (72,94%) com baixa escolaridade.

SC: A maioria (89,41%) das mães realizou o pré-natal e mais de 43% dos diagnósticos maternos ocorreram somente no momento ou após o parto/curetagem.

SC: Um terço dos casos de sífilis na gestação foi diagnosticado no primeiro trimestre.

Em relação ao esquema de tratamento dos casos de SC apenas 2,65% das mães dos conceptos e 12,74% dos parceiros destas fizeram o tratamento adequado.

CONCLUSÃO

Observa-se a necessidade de implementação de novas estratégias e medidas para melhoria da assistência pré-natal prestada a gestante e conseqüente diminuição da incidência da sífilis congênita proporcionado a redução de abortos e óbitos.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA:

As falhas identificadas na assistência pré-natal em relação à prevenção da sífilis congênita evidenciam a necessidade de investimento nas atividades de educação sexual para gestantes e familiares em relação a prevenção, diagnóstico e importância do tratamento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Prevenção da Transmissão Vertical de HIV Sífilis e Hepatites Virais.** 272p. Brasília-DF. 2019.



CONTRIBUIÇÕES DE UMA PALESTRA SOBRE SAÚDE LGBTQIA+ PARA AFORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS ENFERMEIROS

Gabriela Ferreira Mendes¹, Dayana Ferreira dos Reis²

Introdução: Grande parte dos cursos da área da saúde trabalham de forma escassa em sua grade curricular a temática da assistência à saúde da população LGBTQIA+. Nesse sentido, projetos de pesquisa e extensão, assim como eventos científicos são essenciais para que os alunos possam entrar em contato com o tema. Desse modo, o curso de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, promoveu o evento “Dia do Enfermeiro” no dia 19/05/2019 com o intuito de trazer palestrantes para dialogar com seus alunos sobre assuntos pouco vistos ao longo da graduação. Uma das palestras realizadas abordava a saúde da comunidade LGBTQIA+, sendo ministrada pelo Coletivo LGBTQ+ Retrato Colorido, o qual desenvolve ações educativas e de acolhimento no município de Catalão. **Objetivo:** Descrever os preparativos e a efetuação da palestra “Saúde também é diversidade”. **Método:** Os membros do Coletivo dialogaram para ver quais deles tinham disponibilidade, interesse e suporte teórico para participar da palestra. Uma estudante de Psicologia e uma psicóloga integrantes do Coletivo se propuseram a participar da atividade, e convidaram um ex-professor, substituto na universidade, para compor a mesa. Definida a equipe, os três discutiram sobre o que consideravam importante abordar na palestra, ficando acordado que iriam trabalhar conceitos básicos de gênero e sexualidade; a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais; e vivências que eles e amigos possuíam na utilização do Sistema Único de Saúde. **Resultados:** Após a parte expositiva da palestra, foi aberto o espaço de fala para que estudantes e professores pudessem fazer perguntas e comentários. Uma docente questionou modos de fortalecer a rede familiar e de apoio de pessoas da comunidade LGBTQIA+, enquanto uma discente comentou posteriormente sobre o pouco contato com a temática da saúde dessa população e a necessidade de buscar mais fontes de informação para se aperfeiçoar na prestação do cuidado. Contudo, devido a um atraso na atividade anterior, nossa palestra ocorreu duas horas após o que estava previsto na programação, gerando um esvaziamento do público alvo. **Considerações Finais:** É de suma importância trazer discussões a respeito da atenção à saúde da população LGBTQIA+, visto que esse tema ainda é negligenciado nos currículos e por consequência, nas práticas em saúde. **Implicações para Prática:** Fomentar a necessidade de aumentar os eventos e discussões em sala de aula sobre o cuidado com a população LGBTQIA+, a fim de orientar os estudantes a se tornarem profissionais mais acolhedores e humanizados.

Palavras Chave: Enfermagem. Educação. Psicologia.

¹ Estudante de Psicologia, Universidade Federal de Catalão, gabrielaferreiramendes3@gmail.com

² Psicóloga, bacharela e licenciada pela Universidade Federal de Goiás.

CONTRIBUIÇÕES DE UMA PALESTRA SOBRE SAÚDE LGBTQIA+ PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS ENFERMEIROS

Gabriela Ferreira Mendes¹, Dayana Ferreira dos Reis



Introdução:

Grande parte dos cursos da área da saúde trabalham de forma escassa em sua grade curricular a temática da assistência à saúde da população LGBTQIA+. Nesse sentido, projetos de pesquisa e extensão, assim como eventos científicos são essenciais para que os alunos possam entrar em contato com o tema. Desse modo, o curso de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, promoveu o evento "Dia do Enfermeiro" no dia 19/05/2019 com o intuito de trazer palestrantes para dialogar com seus alunos sobre assuntos pouco vistos ao longo da graduação. Uma das palestras realizadas abordava a saúde da comunidade LGBTQIA+, sendo ministrada pelo Coletivo LGBTQIA+ Retrato Colorido, o qual desenvolve ações educativas e de acolhimento no município de Catalão.

Objetivo:

Descrever os preparativos e a efetuação da palestra "Saúde também é diversidade".

Método:

Os membros do Coletivo dialogaram para ver quais deles tinham disponibilidade, interesse e suporte teórico para participar da palestra. Uma estudante de Psicologia e uma psicóloga integrantes do Coletivo se propuseram a participar da atividade, e convidaram um ex-professor, substituto na universidade, para compor a mesa. Definida a equipe, os três discutiram sobre o que consideravam importante abordar na palestra, ficando acordado que iriam trabalhar conceitos básicos de gênero e sexualidade; a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais; e vivências que eles e amigos possuíam na utilização do Sistema Único de Saúde.



Resultados:

Após a parte expositiva da palestra, foi aberto o espaço de fala para que estudantes e professores pudessem fazer perguntas e comentários. Uma docente questionou modos de fortalecer a rede familiar e de apoio de pessoas da comunidade LGBTQIA+, enquanto uma discente comentou posteriormente sobre o pouco contato com a temática da saúde dessa população e a necessidade de buscar mais fontes de informação para se aperfeiçoar na prestação do cuidado. Contudo, devido a um atraso na atividade anterior, nossa palestra ocorreu duas horas após o que estava previsto na programação, gerando um esvaziamento do público alvo.

Considerações Finais:

É importante trazer discussões a respeito da atenção à saúde da população LGBTQIA+, visto que esse tema ainda é negligenciado nos currículos e por consequência, nas práticas em saúde.

Implicações para Prática:

Fomentar a necessidade de aumentar os eventos e discussões em sala de aula sobre o cuidado com a população LGBTQIA+, a fim de orientar os estudantes a se tornarem profissionais mais acolhedores e humanizados.

Palavras Chave:

Enfermagem. Educação. Psicologia.



¹ GABRIELAFERREIRAMENDES3@GMAIL.COM



EXPERIÊNCIA DE PROFISSIONAIS SOBRE A PARTICIPAÇÃO EM UM GRUPO DE ESTUDO DE SEXUALIDADE E GÊNERO

Cristina Silvana da Silva Vasconcelos¹, Carolina Aguiar Alves², Plácido Lucio Rodrigues Medrado³, Carolina Freitas do Carmo.⁴

Introdução: A sexualidade é um vasto campo influenciado por fatores sociais e emocionais, que variam de acordo com o ambiente, a cultura, a sociedade e as relações. Por sua história ser marcada por repressões e equívocos, cada vez mais é importante pensar estratégias que promovam a superação de preconceitos e a compreensão da sexualidade como algo diverso, natural e inerente à vida humana e presente em seu cotidiano, desde o seu nascimento até a sua morte (BRAZ; MIRANDA, 2019). **Objetivo:** Relatar a experiência da participação em um Grupo de Estudos em Sexualidade e Gênero (GESG). **Método:** Narrativa da experiência em um grupo de estudo em Sexualidade e Gênero, composto por 11 participantes com diferentes formações acadêmicas, (psicologia, enfermagem, medicina, serviço social e direito), com encontros on-line via *Google Meet* iniciado em 28 de agosto de 2020. Até o presente foram realizados 06 encontros, sendo debatidos os seguintes temas em cada encontro nessa ordem: história da sexualidade; história contemporânea da sexualidade; conceitos básicos no estudo da sexualidade humana: sexo, sexualidade, gênero, orientação sexual e corporeidade; população T - Travestis e Transexuais; resposta sexual humana; sexualidade e ciclo vital - adolescência. **Resultados:** O GESG foi construído como um espaço de reflexão coletiva e construção de conhecimentos pautados em estudos científicos. Inicialmente, foi construído um roteiro de temas, porém a cada encontro os participantes demonstraram a necessidade de aprofundar em algo, então a partir disso, o desenvolvimento do saber foi dinâmico e adaptado a necessidade do grupo. Para além da discussão de artigos, alguns participantes afirmam que, a troca de experiências levou os mesmos a refletirem sobre sua postura, seus preconceitos e julgamentos frente à diversidade social e sexual, assumindo a responsabilidade de contribuir efetivamente para a construção de uma sociedade mais inclusiva especialmente para com o grupo LGBTQIA+. Alguns relataram nunca terem entrado em contato com alguns conceitos, como não binarismo e travestilidade, surgindo muitas dúvidas, o que levou a convidar uma pessoa da população T para um diálogo. Não há dúvidas que foi um encontro rico em aprendizado e quebra de tabus. Há relatos ainda de que, estes se sentiram à vontade para compartilharem suas experiências pessoais, logo o grupo se fortaleceu e promoveu acolhimento e escuta ativa entre os membros, pois a aceitação e respeito mútuo foi predominante nos encontros. **Considerações Finais:** O grupo de estudo tanto aprofundou conhecimentos prévios acerca do campo da sexualidade e gênero, quanto elucidou novas formas de enxergar o assunto. **Implicações para Prática:** O GESG é uma ferramenta importante para o amadurecimento do saber em sexualidade baseado em evidências e pode ser um espaço potente para a formação de profissionais aptos a trabalhar com a sexualidade, gênero e diversidade em diferentes campos de atuação.

Palavras-Chave: Sexualidade; Estudos de Gênero; Práticas interdisciplinares.

¹ Psicóloga, Especialista em Saúde Coletiva, Secretaria Estadual de Saúde do Tocantins; ² Assistente Social, Especialista em Administração e Planejamento de Projetos Sociais e em Saúde Pública, Secretaria Estadual da Saúde do Tocantins (Hospital Infantil Público de Palmas - Dr. Hugo da Rocha Silva). (carol.aguiaralves@hotmail.com.br); ³ Psicólogo, Especialista em Docência do Ensino Superior, Secretaria de Assistência Social, Porto Nacional-TO ⁴ Enfermeira, Mestre em Ciências da Saúde.



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE

EXPERIÊNCIA DE PROFISSIONAIS SOBRE A PARTICIPAÇÃO EM UM GRUPO DE ESTUDO DE SEXUALIDADE E GÊNERO

Cristina Silvana da Silva Vasconcelos¹, Carolina Aguiar Alves², Plácido Lucio Rodrigues Medrado³, Carolina Freitas do Carmo.⁴

INTRODUÇÃO

A sexualidade é um vasto campo influenciado por fatores sociais e emocionais, que variam de acordo com o ambiente, a cultura, a sociedade e as relações. Por sua história ser marcada por repressões e equívocos, cada vez mais é importante pensar estratégias que promovam a superação de preconceitos e a compreensão da sexualidade como algo diverso, natural e inerente à vida humana e presente em seu cotidiano, desde o seu nascimento até a sua morte (BRAZ; MIRANDA, 2019).

OBJETIVO

Relatar a percepção de profissionais sobre sua participação no Grupo de Estudos em Sexualidade e Gênero (GESG).

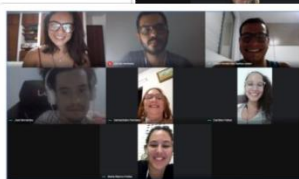
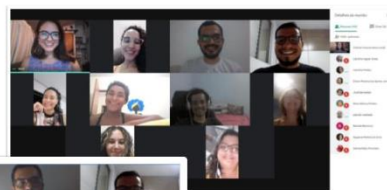
MÉTODO

Narrativa da experiência em um grupo de estudo em Sexualidade e Gênero, composto por 11 participantes com diferentes formações acadêmicas, (psicologia, enfermagem, medicina, serviço social e direito), com encontros on-line via *Google Meet* iniciado em 28 de agosto de 2020. Até o presente foram realizados 06 encontros, sendo debatidos os seguintes temas em cada encontro nessa ordem: história da sexualidade; história contemporânea da sexualidade; conceitos básicos no estudo da sexualidade humana: sexo, sexualidade, gênero, orientação sexual e corporeidade; população T - Travestis e Transexuais; resposta sexual humana; sexualidade e ciclo vital - adolescência

RESULTADOS

O GESG foi construído como um espaço de reflexão coletiva e construção de conhecimentos pautados em estudos científicos. Inicialmente, foi construído um roteiro de temas, porém a cada encontro os participantes demonstraram a necessidade de aprofundar em algo, então a partir disso, o desenvolvimento do saber foi dinâmico e adaptado a necessidade do grupo. Para além da discussão de artigos, alguns participantes afirmam que, a troca de experiências levou os mesmos a refletirem sobre sua postura, seus preconceitos e julgamentos frente à diversidade social e sexual, assumindo a responsabilidade de contribuir efetivamente para a construção de uma sociedade mais inclusiva especialmente para com o grupo LGBTQIA+

Alguns relataram nunca terem entrado em contato com alguns conceitos, como não binarismo e travestilidade, surgindo muitas dúvidas, o que levou a convidar uma pessoa da população T para um diálogo. Não há dúvidas que foi um encontro rico em aprendizado e quebra de tabus. Há relatos ainda de que, estes se sentiram à vontade para compartilharem suas experiências pessoais, logo o grupo se fortaleceu e promoveu acolhimento e escuta ativa entre os membros, pois a aceitação e respeito mútuo foi predominante nos encontros



CONCLUSÃO

O grupo de estudo tanto aprofundou conhecimentos prévios acerca do campo da sexualidade e gênero, quanto elucidou novas formas de enxergar o assunto.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA

O GESG é uma ferramenta importante para o amadurecimento do saber em sexualidade baseado em evidências e pode ser um espaço potente para a formação de profissionais aptos a trabalhar com a sexualidade, gênero e diversidade em diferentes campos de atuação.

REFERÊNCIAS

BRAZ, M. G. F.; MIRANDA, J. C. Sexualidade: perspectiva histórica e significação cultural. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v. 10, n. 1, p. 13-22, 2019.

¹ Psicóloga, Especialista em Saúde Coletiva, Secretaria Estadual de Saúde do Tocantins; ² Assistente Social, Especialista em Administração e Planejamento de Projetos Sociais e em Saúde Pública, Secretaria Estadual da Saúde do Tocantins (Hospital Infantil Público de Palmas - Dr. Hugo da Rocha Silva). (carol.aguiaralves@hotmail.com.br); ³ Psicólogo, Especialista em Docência do Ensino Superior, Secretaria de Assistência Social, ⁴ Enfermeira, Mestre em Ciências da Saúde.



EXPERIÊNCIA PET INTERPROFISSIONALIDADE DE INCLUSÃO: PREVENÇÃO DO CÂNCER NA POPULAÇÃO CIS E TRANS

ABOUD. Sérgio⁵; ALÃO⁶.Wagner Valentim de; PELLUSO⁷. Silvana Cardoso; MOURA⁸, Kelly Cristina Coelho de; SILVA⁹. Luciana Rodrigues da;

Introdução: O trabalho trata da inserção do Programa de Educação Tutorial Interprofissionalidade no processo do Outubro Rosa que é uma campanha de prevenção e promoção em saúde com foco no câncer de mama. **Objetivo:** O mote da campanha é sensibilizar a população para um maior cuidado com a própria saúde, dando informações para que possam perceber que os sinais de alarme e o quanto antes procurar ajuda profissional para maior taxa de remissão e cura, além de incentivar as políticas nacionais e internacionais para este fim. **Método:** A equipe PET Interprofissionalidade em conjunto da equipe da unidade de saúde Policlínica Regional Dr. Guilherme March da Fundação Municipal de Saúde do Município de Niterói/RJ, se uniram para ampliar o conceito de acolhimento na porta de entrada da saúde incluindo a população TRANS nos cuidados com a saúde indo além da população CIS utilizando da ferramenta atual de mídia, no dia 30/10/2020 com uma Roda de Conversa gravada. A atividade proposta no trabalho é promover uma discussão para expor a importância dos profissionais de saúde estarem preparados e receptivos para lidar com a população TRANS que também merece a devida atenção em consonância com os direitos humanos e ao que está disposto na Política Nacional de Saúde Integral LGBT para assim levar em consideração a atenção integral a saúde de todos. **Resultados:** Comunidade e profissionais de saúde tiveram suas atenções voltadas para o tema e assim entendendo que o trabalho da saúde é um processo que não se deve ter julgamentos de valores, ou preconceitos que possam criar obstáculos para o acesso a saúde. **Conclusão:** Este trabalho permitiu que profissionais de diferentes áreas de graduação a interagir com trocas de informações com intuito de produzir um impacto positivo na promoção em saúde integral da população CIS e abrindo espaço para o acolhimento da população TRANS. **Implicações para Prática:** Lidar com o preconceito estrutural e sistêmico dos profissionais de saúde no que tange a diversidade sexual que ainda geram muitos impasses no atendimento à população LGBT devido à falta de informação ou uma formação ainda com um paradigma fortemente alicerçado no modelo binário.

Palavras Chave: Acolhimento. Inclusão. Promoção em Saúde. Diversidade.

¹ Tutor do PET Interprofissionalidade, Professor/Doutor da Universidade Federal Fluminense, sergioaboud@uol.com.br

²Preceptor do PET Interprofissionalidade, Licenciatura em Letras e acadêmico de Psicologia, Educador Social, Fundação Municipal de Saúde de Niterói(RJ), wagner.valentim@gmail.com

³Preceptora do PET Interprofissionalidade, Fisioterapeuta, Fundação Municipal de Saúde de Niterói(RJ), silvana_pelluso@hotmail.com

⁴Bolsista do PET Interprofissionalidade, Acadêmica de Odontologia, kelly.c.coelho.m@gmail.com

⁵Tutora do PET Interprofissionalidade, Professora/Doutora da UFF, lulurodrigues@gmail.com



PREFEITURA DE NITERÓI
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE SAÚDE
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE



EXPERIÊNCIA PET INTERPROFISSIONALIDADE DE INCLUSÃO: PREVENÇÃO DO CÂNCER NA POPULAÇÃO CIS E TRANS

ABOUD. Sergio; ALÃO. Wagner Valentim de; PELLUSO. Silvana Cardoso; MOURA. Kelly Cristina Coelho de; SILVA. Luciana Rodrigues da;

wagner.valentim@gmail.com

Introdução

O trabalho trata da inserção do PET- Saúde Interprofissionalidade no processo do Outubro Rosa



Objetivo

Sensibilizar a população para um maior cuidado com a própria saúde, dando informações para que possam perceber os sinais de alarme e o quanto antes procurar ajuda profissional.

Método



Foi realizada uma roda de conversa online que buscou ampliar o conceito de acolhimento na porta de entrada da saúde incluindo a população TRANS nos cuidados com a saúde indo além da população CIS.



Resultados

Comunidade e profissionais de saúde tiveram suas atenções voltadas para o tema e assim entendendo que o trabalho da saúde é um processo que não se deve ter julgamentos de valores, ou preconceitos que possam criar obstáculos para o acesso a saúde.

Conclusão

Este trabalho permitiu que profissionais de diferentes áreas de graduação a interagir com trocas de informações com intuito de produzir um impacto positivo na promoção em saúde integral da população CIS e abrindo espaço para o acolhimento da população TRANS.

Implicações para Prática

Lidar com o preconceito estrutural e sistêmico dos profissionais de saúde no que tange a diversidade sexual que ainda geram muitos impasses no atendimento à população LGBT devido à falta de informação ou uma formação ainda com um paradigma fortemente alicerçado no modelo binário.



FISIOTERAPIA NO TRATAMENTO DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS EM MULHERES

Agrinazio Geraldo Nascimento Neto¹, Wellington Calos da Silva², Guthierri Alves Mota³, Natália Bezerra de Carvalho⁴, Florence Germaine Tible Lainscek⁵

Introdução: A Disfunção Sexual Feminina (DSF) é um problema de saúde frequente, com um impacto negativo na qualidade de vida e que inclui: disfunção no desejo/excitação sexual, disfunção do orgasmo e dor genitopelvica. A DSF pode ser originada por fatores biológicos, psicológicos, relacionais, socioculturais, patologias, neurologias e neoplasias, causando diminuição da resposta sexual, atividade e libido (SANTOS e OLIVEIRA, 2015). A fisioterapia pélvica compõe a equipe multidisciplinar no tratamento na DSF, dispondo de diversos recursos como a: cinesioterapia, eletroterapia, terapia manual e a combinação dessas técnicas (TRINDADE e LUZES, 2017). **Objetivo:** Relatar sobre a atuação e importância da fisioterapia no tratamento das disfunções sexuais em mulheres. **Método:** A revisão de literatura foi realizada a partir das bases de dados online Scielo (Scientific Electronic Library), PubMed e Google Acadêmico. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Disfunção Sexual, Sexualidade, Saúde Sexual e Saúde da Mulher. Foram selecionados artigos que preencheram os seguintes critérios: estudos em português e inglês publicados entre 2017 a 2019 e serem textos completos e originais, foram removidas duplicidades. No entanto, um total de 5 estudos foram selecionados atendendo estes critérios. **Resultados:** Após a análise dos artigos, foi possível observar que a disfunção sexual feminina está diretamente relacionada a fatores biopsicossociais. Estudos demonstraram que a disfunção sexual foi causada principalmente por dor vestibulodínia/genitopelvica e vaginismo. Deste modo, observa-se a importância do tratamento fisioterapêutico individualizado tendo como função propor uma intervenção na musculatura pélvica destes pacientes. As principais técnicas fisioterapêuticas utilizadas foram: terapia manual (massagem perianal/intravaginal e liberação miofascial), biofeedback, estimulação elétrica (perineal e intravaginal), inserção de dilatadores, fortalecimento e resistência da musculatura pélvica, alongamento e orientações para as pacientes. É importante ressaltar que o tratamento é essencial para que o indivíduo desenvolva uma melhor qualidade de vida sexual. **Conclusão:** O fisioterapeuta especialista em ginecologia e obstetria compõe a equipe multidisciplinar no tratamento da DSF. Através de recursos como eletroterapia, cinesioterapia, biofeedback, terapias manuais e prescrição de fitoterápicos este profissional vem melhorando a saúde sexual das mulheres. **Implicações para Prática:** Este estudo serve de subsídio para pesquisas de campo em relação ao apanhado de todas publicações relacionadas ao tema, além do conhecimento para o público geral sobre a atuação do fisioterapeuta na DSF.

Palavras-Chave: Disfunção Sexual. Sexualidade. Saúde Sexual. Saúde da Mulher. Fisioterapia.

¹ Acadêmico do curso de Fisioterapia da Universidade de Gurupi- UnirG.

² Acadêmico do curso de Fisioterapia da Universidade de Gurupi- UnirG.

³ Acadêmica do curso de Fisioterapia da Universidade de Gurupi- UnirG.

⁴ Acadêmico do curso de Fisioterapia da Universidade de Gurupi- UnirG.

⁵Me. Docente do curso de fisioterapia da Universidade de Gurupi- UnirG.

Endereço eletrônico do Relator: agrinaziogeraldo@gmail.com



FISIOTERAPIA NO TRATAMENTO DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS EM MULHERES



Agrinazio Geraldo Nascimento Neto¹, Wellington Calos da Silva², Guthierri Alves Mota³, Natália Bezerra de Carvalho⁴, Florence Germaine Tible Lainscek⁵

agrinaziogeraldo@gmail.com

Introdução

A Disfunção Sexual Feminina (DSF) é um problema de saúde frequente, com um impacto negativo na qualidade de vida e que inclui: disfunção no desejo/excitação sexual, disfunção do orgasmo e dor genitopélvica (SANTOS e OLIVEIRA, 2015).

A fisioterapia pélvica compõe a equipe multidisciplinar no tratamento na DSF, dispondo de diversos recursos como a: cinesioterapia, eletroterapia, terapia manual e a combinação dessas técnicas (TRINDADE e LUZES, 2017).

Objetivo

Relatar sobre a atuação e importância da fisioterapia no tratamento das disfunções sexuais femininas.

Metodologia

A revisão de literatura foi realizada a partir das bases de dados online Scielo (Scientific Electronic Library), PubMed e Google Acadêmico. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Disfunção Sexual, Sexualidade, Saúde Sexual e Saúde da Mulher. Foram selecionados artigos que preencheram os seguintes critérios: estudos em português e inglês publicados entre 2017 a 2019 e serem textos completos e originais, foram removidas duplicidades. No entanto, um total de 5 estudos foram selecionados atendendo estes critérios.

Resultados

Quadro 1 – Fisioterapia nas Disfunções Sexuais em Mulheres.

AUTOR/ANO	METODOLOGIA	RESULTADOS
GENTILCORE-SAULNIER et al. (2019)	Mulheres com dor vestibulodínia passaram por avaliação eletromiográfica e avaliação intravaginal digital antes e depois do tratamento fisioterapêutico de oito sessões. Utilizou-se terapia manual, biofeedback, estimulação elétrica, inserções de dilatadores e exercícios em casa.	Como resultado, observou-se melhora no orgasmo, satisfação sexual e vestibulodínia em 90% das participantes.
SCHWARTZMAN et al. (2019)	42 mulheres com dor genitopélvica no período de climatério com dispáreunia foram organizadas em Grupo A (n = 21) recebeu 5 sessões de 1 hora de termoterapia para relaxamento dos músculos do assoalho pélvico, liberação miofascial e treinamento pélvico. Grupo B (n = 21) recebeu 5 sessões de 1 hora treinamento pélvico (fortalecimento e resistência).	Em ambos os grupos o treinamento dos músculos do assoalho pélvico foi eficaz para melhorar a dor, a qualidade de vida, a função sexual e função dos músculos do assoalho pélvico em mulheres climatéricas com dispáreunia.
LUCHETI et al. (2019)	Pesquisa observacional, com objetivo de explorar o efeito da massagem perineal aplicada em mulheres com dispáreunia. Cinco mulheres, com idade entre 20 e 41 anos foram submetidas a 15 atendimentos semanais que perduraram 40 minutos.	As pacientes, apresentaram melhora importante nos sintomas da dispáreunia, refletindo na diminuição da dor durante a relação sexual e na melhora da qualidade de vida das participantes.

SILVA. (2018)	Estudo clínico randomizado, com divisão dos sujeitos com diagnóstico de dispáreunia em grupos aleatórios, grupo A: 14 mulheres tratadas com massagem perineal e grupo B: 16 mulheres tratadas com eletroestimulação intravaginal. Foram realizados cinco atendimentos (um por semana).	As duas modalidades de tratamento foram efetivas na melhora da dor, sugerindo assim o uso delas separadamente ou em associação nos casos de dor pélvica crônica e dispáreunia superficial secundária a espasmos de músculos pélvicos.
PANDOCCHI. (2017)	Ensaio clínico controlado, com 11 mulheres com diagnóstico de dispáreunia e cinco com vaginismo. Os recursos utilizados para o tratamento das mulheres foram orientações gerais (visualização dos músculos do assoalho pélvico e percepção corporal e importância das preliminares), auto relaxamento, alongamento passivo dos músculos adutores do quadril, propriocepção e a massagem intravaginal.	O tratamento fisioterapêutico foi eficaz para o tratamento da dor coital. Contribuindo para melhora da função sexual, redução do risco para disfunção sexual ansiedade e depressão de mulheres com dispáreunia e vaginismo.

O fisioterapeuta atua diretamente na DSF, com objetivo de fortalecer a musculatura do assoalho pélvico através da consciência corporal destes músculos, promovendo a melhora da atividade sexual e diminuindo desconfortos.

Conclusão

O fisioterapeuta especialista em ginecologia e obstetria compõe a equipe multidisciplinar no tratamento da DSF. Através de recursos como eletroterapia, cinesioterapia, biofeedback, terapias manuais e prescrição de fitoterápicos este profissional vem melhorando a saúde sexual das mulheres.

Implicações para Prática

Este estudo serve de subsídio para pesquisas de campo em relação ao apanhado de todas publicações relacionadas ao tema, além do conhecimento para o público geral sobre a atuação do fisioterapeuta na DSF.

Referências Bibliográficas

- TRINDADE, Santrine; LUZES, Rafael. Atuação do fisioterapeuta nas disfunções sexuais femininas. *Alumni-Revista Discente da UNIABEU-ISSN 2318-3985*, v. 5, n. 9, p. 10-16, 2017.
- SANTOS, Sara Robalo; OLIVEIRA, Catarina Magalhães. Disfunção sexual na mulher: uma abordagem prática. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, v. 31, n. 5, p. 351-353, 2015.
- GENTILCORE-SAULNIER, Evelyne et al. Pelvic floor muscle assessment outcomes in women with and without provoked vestibulodynia and the impact of a physical therapy program. *The Journal of sexual medicine*, v. 7, n. 2, p. 1003-1022, 2010.
- SCHWARTZMAN, Renata et al. Physical therapy intervention for women with dyspareunia: a randomized clinical trial. *Journal of sex & marital therapy*, v. 45, n. 5, p. 378-394, 2019.
- LUCHETI, Gislaine Cristina. Efeito da massagem perineal no tratamento da disfunção sexual dispáreunia. *Biblioteca Digital de TCC-UniAmérica*, p. 1-21, 2019.
- SILVA, Ana Paula Moreira da. *Abordagem fisioterapêutica da dispáreunia na mulher com dor pélvica crônica: comparação entre duas técnicas*. Trial clínico, randomizado. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- PANDOCCHI, Heliana Aparecida da Silva. *Efeito da intervenção fisioterapêutica no tratamento da dor coital*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.



GRUPO DE ESTUDO EM SEXUALIDADE E GÊNERO

Carolina Freitas do Carmo Rodrigues¹, Cristina Silvana da Silva Vasconcelos²,
Plácido Lucio Rodrigues Medrado³

Introdução: A sexualidade é parte integrante e inerente à vida humana e está presente em seu cotidiano, desde o seu nascimento até a sua morte, exercendo influência determinante em sua conduta social, compondo elemento básico da personalidade do indivíduo, sendo construída a partir das possibilidades individuais e da interação com fatores sociais e emocionais, que variam de acordo com o ambiente, a cultura, a sociedade e as relações consideradas, satisfazendo às exigências físicas e psicológicas do indivíduo (BRAZ; MIRANDA, 2019). **Objetivo:** Relatar a experiência de um grupo de estudo sobre Sexualidade e Gênero organizado por três profissionais autônomos da saúde. **Método:** Narrativa descritiva de um relato de experiência do funcionamento de um grupo de estudo. **Resultados:** Atualmente, o grupo é composto por 11 profissionais com diferentes formações acadêmicas, (psicologia, enfermagem, medicina, serviço social e direito). As inscrições foram abertas para todo o Brasil e divulgadas pelas mídias sociais, tendo o interessado que preencher um formulário, para que sua candidatura fosse analisada pela organização. Os estudos são quinzenais por meio de plataforma digital (*Google Meet*). As discussões são baseadas em artigos científicos norteadas pelas temáticas da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBraSH) e são dirigidas por uma dupla. O encontro tem duração média de duas horas. A dupla responsável pela discussão de cada tema, encaminha o material científico (com publicação entre os anos de 2016 a 2020) para o grupo ler com antecedência. Todos os participantes devem preencher um roteiro de estudo e encaminhar para o e-mail do grupo. Esse material é composto por dados de identificação (do participante, da dupla e da publicação), resumo, objetivo, metodologia, principais resultados, conclusão, pontos positivos e negativos, implicações e importância do estudo e contribuições para a produção científica avaliada. Anterior ao início das reuniões, a organização realizou uma discussão quanto a diferença entre os termos sexualidade e sexualidades e qual seria adotado para o nome do grupo, ficando estabelecido: Sexualidade e Gênero. Desde o início público do grupo, em 28 de agosto de 2020, já foram realizados seis encontros com a discussão sobre: história da sexualidade; história contemporânea da sexualidade; conceitos básicos no estudo da sexualidade humana: sexo, sexualidade, gênero, orientação sexual e corporeidade; população T - Travestis e Transexuais; resposta sexual humana; sexualidade e ciclo vital - adolescência. **Considerações Finais:** O grupo de estudo tem possibilitado uma discussão constante, científica e profunda sobre a construção e impacto da sexualidade na sociedade, além de permitir compartilhamento de experiências. **Implicações para Prática:** A discussão interdisciplinar e integral sobre os assuntos proporciona aperfeiçoamento profissional e pessoal.

Palavras Chave: Sexualidade. Estudos de Gênero. Práticas interdisciplinares.

¹Enfermeira, Mestra em Ensino em Ciências da Saúde; ²Psicóloga, Especialista em Saúde Coletiva, Secretaria Estadual de Saúde do Tocantins; ³Psicólogo, Especialista em Docência do Ensino Superior, Secretaria de Assistência Social- Porto Nacional – TO, e-mail: placido.medrado01@gmail.com



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE

GRUPO DE ESTUDO EM SEXUALIDADE E GÊNERO

Carolina Freitas do Carmo Rodrigues¹, Cristina Silvana da Silva Vasconcelos², Plácido Lucio Rodrigues Medrado³

INTRODUÇÃO

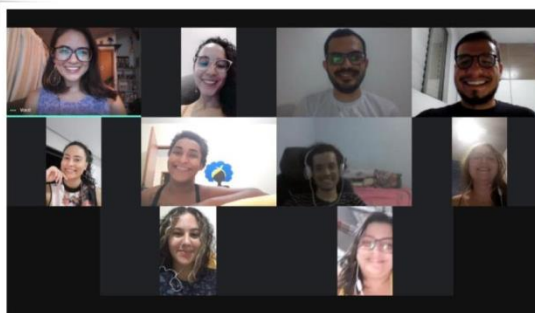
A sexualidade é parte integrante e inerente à vida humana e está presente em seu cotidiano, desde o seu nascimento até a sua morte, exercendo influência determinante em sua conduta social, compondo elemento básico da personalidade do indivíduo, sendo construída a partir das possibilidades individuais e da interação com fatores sociais e emocionais, que variam de acordo com o ambiente, a cultura, a sociedade e as relações consideradas, satisfazendo às exigências físicas e psicológicas do indivíduo (BRAZ; MIRANDA, 2019)

OBJETIVO

Relatar a experiência de um grupo de estudo sobre Sexualidade e Gênero organizado por três profissionais autônomos da saúde.

MÉTODO

Narrativa descritiva de um relato experiência do funcionamento de um grupo de estudo.



RESULTADOS

Atualmente, o grupo é composto por 11 profissionais com diferentes formações acadêmicas. As inscrições foram abertas para todo o Brasil e divulgadas pelas mídias sociais, tendo o interessado que preencher um formulário, para que sua candidatura fosse analisada pela organização. Os estudos são quinzenais por meio de plataforma digital (Google Meet). As discussões são baseadas em artigos científicos norteadas pelas temáticas da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBraSH) e são dirigidas por uma dupla. O encontro tem duração média de duas horas. A dupla responsável pela discussão de cada tema, encaminha o material científico (com publicação entre os anos de 2016 a 2020) para o grupo ler com antecedência, seguindo um roteiro de estudos. Desde o início público do grupo, em 28 de agosto de 2020, já foram realizados seis encontros com a discussão sobre: história da sexualidade; história contemporânea da sexualidade, conceitos básicos no estudo da sexualidade humana: sexo, sexualidade, gênero, orientação sexual e corporeidade; população T - Travestis e Transexuais, resposta sexual humana; sexualidade e ciclo vital – adolescência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo de estudo tem possibilitado uma discussão constante, científica e profunda sobre a construção e impacto da sexualidade na sociedade, além de permitir compartilhamento de experiências.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA

A discussão interdisciplinar e integral sobre os assuntos proporciona aperfeiçoamento profissional e pessoal.

REFERÊNCIAS

BRAZ, M. G. F.; MIRANDA, J. C. Sexualidade: perspectiva histórica e significação cultural. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v. 10, n. 1, p. 13-22, 2019.

¹Enfermeira, Mestra em Ensino em Ciências da Saúde; ²Psicóloga, Especialista em Saúde Coletiva, Secretaria Estadual de Saúde do Tocantins; ³Psicólogo, Especialista em Docência do Ensino Superior, Secretaria de Assistência Social- Porto Nacional – TO, e-mail: placido.medrado01@gmail.com



NECESSIDADES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Paulo Henrique Alves Monteiro de Oliveira¹, Layne Pereira Brito², ElayneCarolayne Torres Pereira³, Baruc de Castro⁴, Fernanda Maria Fernandes do Carmo Lemos⁴, Ulisses Vilela Hipólito⁶, Mirian Cristina dos Santos Almeida⁷, Nayane de Sousa Silva Santos⁸

Introdução: A educação em saúde objetiva capacitar os indivíduos com intuito de controlarem e agirem sobre o processo de saúde-doença-cuidado, capacitando as pessoas para tomada de decisões quanto ao cuidado de si. Nesse sentido, a educação sexual é parte indissociável do processo educacional e abre caminho para informação dos aspectos fisiológicos da sexualidade e interpretações socioculturais sobre a mesma. O conhecimento sobre o corpo e sobre a sexualidade é imprescindível para o desenvolvimento humano. Assim, a educação sexual pode contribuir para a redução das infecções sexualmente transmissíveis (IST). **Objetivos:** relatar a experiência dos extensionistas no diagnóstico das necessidades de educação em saúde sobre IST de estudantes de duas instituições públicas de ensino. **Método:** Trata-se de estudo descritivo, do tipo relato de experiência relacionado à identificação das necessidades de educação em saúde entre estudantes, em ações de extensão do Projeto Sexualidade Responsável do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins. Utilizaram-se dados de duas ações de testagem rápida e educação em saúde sobre IST, realizadas entre o mês de setembro e outubro de 2019, sendo uma em instituição pública de educação superior, básico e profissional com 30 participantes e outra em instituição pública estadual de ensino superior com 70 participantes. Os dados foram obtidos através da aplicação de questionários que buscavam levantar o conhecimento dos estudantes sobre os tipos de IST, formas de prevenção, transmissão e prática sexual protegida. **Resultados:** A idade média dos estudantes foi de 20 anos. As ISTs mais conhecidas foram HIV/AIDS, Sífilis e Gonorreia. Sobre as formas de prevenção das IST a maioria indicou o preservativo, porém houve afirmações equivocadas de métodos contraceptivos orais e injetáveis como preventivos de IST. A utilização de vacinas e a Profilaxia Pós Exposição como formas de prevenção foram pouco citadas. Dos 82 participantes que relataram a sexarca, 65 referiram ter utilizado preservativo na primeira relação, outros 16 não usaram e 1 pessoa não respondeu. Sobre o uso de preservativos nas relações sexuais, 42 referiram utilizar sempre, 25 às vezes, 12 informaram usar apenas quando não conhece o(a) parceiro(a), 2 afirmaram não utilizar e 1 não respondeu. **Conclusão:** Os dados evidenciam que existe insuficiência quanto ao conhecimento sobre IST e prática sexual segura na população assistida. **Implicações para prática:** As ações de educação em saúde do Projeto Sexualidade Responsável proporcionaram experiência aos extensionistas sobre a abordagem da temática IST, e o compromisso de adotar nas ações posteriores as lacunas que foram apresentadas pelos estudantes. Acredita-se que o conhecimento adequado sobre a saúde sexual ajudará os atores no seu processo de tomada de decisão em relação à sua sexualidade de forma emancipatória e segura.

Descritores: Educação em Saúde; Promoção da Saúde; Infecção Sexualmente Transmissível.

¹Acadêmico de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: paulohamoliveira@gmail.com.

²Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins. ³Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins. ⁴Acadêmico de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins. ⁵Biomédica. Doutoranda em Biotecnologia. Técnica dos Laboratórios de Saúde da Universidade Federal do Tocantins. ⁶Enfermeiro. Doutor em Ciências. Professor do curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins. ⁷Enfermeira. Doutora em Ciências. Professora do curso de enfermagem

da Universidade Federal do Tocantins.⁸Enfermeira. Mestre em Ciências da Saúde. Professora do curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.



NECESSIDADES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Paulo Henrique Alves Monteiro de Oliveira (paulohamoliveira@gmail.com), Layne Pereira Brito, Elayne Carolyne Torres Pereira, Baruc de Castro, Fernanda Maria Fernandes do Carmo Lemos, Ulisses Vilela Hipólito, Mirian Cristina dos Santos Almeida, Nayane de Sousa Silva Santos.

Universidade Federal do Tocantins

INTRODUÇÃO

A educação em saúde objetiva capacitar os indivíduos com intuito de controlarem e agirem sobre o processo de saúde-doença-cuidado, capacitando as pessoas para tomada de decisões quanto ao cuidado de si. Nesse sentido, a educação sexual é parte indissociável do processo educacional e abre caminho para informação dos aspectos fisiológicos da sexualidade e interpretações socioculturais sobre a mesma. O conhecimento sobre o corpo e sobre a sexualidade é imprescindível para o desenvolvimento humano. Assim, a educação sexual pode contribuir para a redução das infecções sexualmente transmissíveis (IST).



OBJETIVO

Relatar a experiência dos extensionistas no diagnóstico das necessidades de educação em saúde sobre IST de estudantes de duas instituições públicas de ensino.

MÉTODO

- **Tipo de Estudo** □ Descritivo, relato de experiência.
- **Projeto de Extensão** □ Sexualidade Responsável da Universidade Federal do Tocantins.
- **Período** □ Setembro e outubro de 2019.
- **Local** □ 1 Instituição pública de educação superior, básico e profissional e 1 Instituição pública estadual de ensino superior.
- **Público Alvo** □ Estudantes.
- **Ação** □ Testagem rápida e educação em saúde sobre IST, 2 ações.
- **Participantes** □ 100 pessoas (70 na instituição estadual e 30 na de educação superior, básico e profissional).

RESULTADOS

Gráfico 1 – Infecções Sexualmente Transmissíveis Conhecidas pelos Participantes do Estudo. Palmas, TO, 2019.

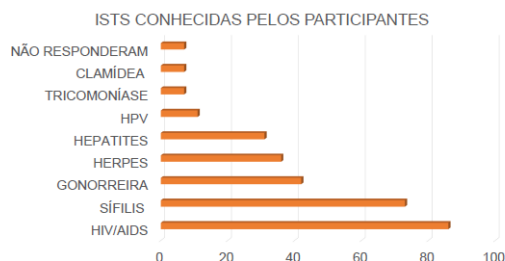
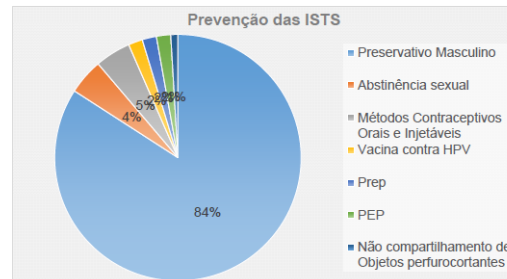


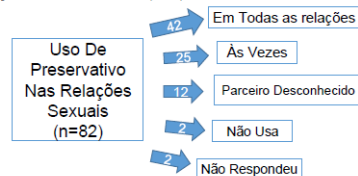
Tabela 1 – Participantes que Utilizaram o Preservativo na Primeira Relação Sexual. Palmas, TO, 2019. n= 82.

Uso de Preservativo na Primeira Relação Sexual	
USOU	65
NAO USOU	16
NÃO RESPONDEU	1

Gráfico 2 – Formas de Prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis utilizadas pelos Participantes do Estudo. Palmas, TO, 2019.



Esquema 1 – Participantes que Relataram o Uso de Preservativos nas Relações Sexuais. Palmas, TO, 2019. n= 82.



CONCLUSÃO

Os dados evidenciam que existe insuficiência quanto ao conhecimento sobre IST e prática sexual segura na população assistida.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA

As ações de educação em saúde do Projeto Sexualidade Responsável proporcionou experiência aos extensionistas sobre a abordagem da temática IST, e o compromisso de adotar nas ações posteriores a lacunas que foram apresentadas pelos estudantes. Acredita-se que o conhecimento adequado sobre a saúde sexual ajudará os atores no seu processo de tomada de decisão em relação à sua sexualidade de forma emancipatória e segura.

O CONCEITO DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES

Edvana Maria Santana Ferreira¹⁰

Este trabalho tem por objetivo abordar o conceito gênero e suas implicações através de uma pequena revisão bibliográfica, considerando como literatura basilar os textos: Amefricanizando o feminismo da intelectual (Cláudia Pons); Gênero: uma categoria útil de análise histórica (Joan Scott); Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade (Gayle Rubin); e por fim, Nossos feminismos revisitados (Luiza Bairros). Claudia Pons Cardoso apresenta o pensamento de Lélia Gonzalez, apontando o que a princípio pode parecer uma contradição: o modo como esta intelectual recupera o conceito de gênero, reificando a concepção de sexo e sexismo, fazendo alusão à famosa frase de Simone de Beauvoir, quando afirma que tornar-se mulher e negra é uma conquista, não podendo ser determinado por questões biológicas. As implicações são de ordem, sociais e culturais. Em concordância, Luiza Bairros acredita que a construção de sexo tem uma grande valorização da dimensão biológica, que reafirma os estereótipos de gênero. Assim, podemos concluir que o gênero se encaminha da necessidade da sociedade de colocar as pessoas numa “caixinha”, de acordo com a nossa classificação e identificação, não tem como falar de gênero e não falar de mulheres, afinal na forma mais simplificada e cotidiana considera-se gênero sinônimo de mulher. Essas questões vão muito além do sexo biológico ou da visão biologicista da sociedade, é aprendido culturalmente e socialmente o que é ser homem e o que é ser mulher, quais normas devemos seguir, quais comportamentos devemos ter e quais locais na sociedade as pessoas devem ocupar, as relações sociais são as verdadeiras determinantes, pois o gênero é uma construção humana, cultural e baseada nas relações de poder. De acordo com Rubin Gayle, o feminismo se baseia em romper as relações de poder de um gênero sob o outro, reflete sobre a subordinação das mulheres, questões voltadas a sua sexualidade e reprodução. Acompanhando esse pensamento observa-se que o movimento feminista veio na tentativa de organizar soluções comuns, mas de acordo com Lélia Gonzalez a tentativa não chegava nem perto do que as mulheres negras realmente precisavam, uma vez que as mesmas estavam na base da pirâmide, logo, estavam no foco do preconceito, discriminação e racismo da sociedade. Tendo em mente o conceito de Interseccionalidade de Kimberle Crenshaw, o racismo e sexismo não podem ser desvinculados, é necessário enegrecermos o feminismo, posto que do ponto de vista feminista raça e gênero não estão diretamente vinculados e acreditam que os dois partam de pontos distintos, desconsiderando que a mulher negra esteja evidentemente em maior vulnerabilidade em nossa sociedade do que a mulher branca.

Palavras-chave: Gênero. Sexismo. Feminismo. Sexualidade

REFERÊNCIAS

1. Bairros, Luiza. Nossos feminismos revisitados. Revista Estudos feministas. V. 3, n.2, 1995.
2. Pons Cardoso, Cláudia. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez Revista Estudos Feministas, vol. 22, núm. 3, septiembrediciembre, 2014, pp. 965-986 Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil. Carneiro, Sueli Aparecida. Mulheres em movimento. Estudos Avançados. Estud. av. vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003.
3. Rubin, Gayle. ?Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade?. In: Rubin, Gayle (Org.). Políticas do sexo. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
4. Scott, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica?. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

¹⁰ Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS), no Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) com terminalidade em Psicologia.; Egressa do grupo de pesquisa e estudos intitulado Saúde Mental, Políticas Públicas de Saúde e Transgeneridade - MentalTrans - UFRB (2018-2019); Contato: edvana.maria18@gmail.com/edyskii@outlook.com



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE



O GÊNERO FEMININO E SUAS IMPLICAÇÕES

Eixo temático: Revisão

Edvana Maria Santana Ferreira

(edvana.maria18@hotmail.com/edyskii@outlook.com)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



OBJETIVO

Este trabalho tem por objetivo abordar o conceito gênero e suas implicações através de uma pequena revisão bibliográfica.

MÉTODO

Tratou-se de uma pequena revisão bibliográfica, considerando como literatura basilar os textos: Amefricanizando o feminismo da intelectual(Cláudia Pons);Gênero: uma categoria útil de análise histórica, de Joan Scott);Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade(de Gayle Rubin); e fim , Nossos feminismos revisitados(de Luiza Bairros).

RESULTADOS

Tendo em mente o conceito de Interseccionalidade de Kimberle Crenshaw, o racismo e sexismo não podem ser desvinculados, é necessário enegrecermos o feminismo.



Fonte:Google Imagens

CONCLUSÃO

Podemos concluir que o gênero encaminha-se da necessidade da sociedade de colocar as pessoas numa "caixinha", de acordo com a nossa classificação e identificação.

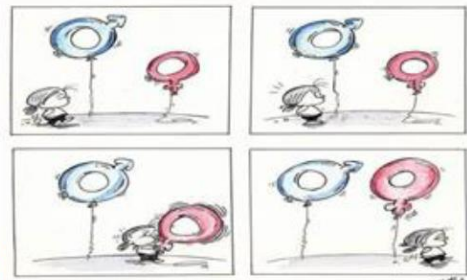
REFERÊNCIAS

Bairros, Luiza. Nossos feminismos revisitados. Revista Estudos feministas. V. 3, n.2, 1995

Pons Cardoso,Cláudia. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez Revista Estudos Feministas, vol. 22, núm. 3, septiembrediciembre, 2014, pp. 965-986 Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil. Carneiro, Sueli Aparecida. Mulheres em movimento. Estudos Avançados. Estud. av. vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003

Rubin, Gayle. ?Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade?. In: Rubin, Gayle (Org.). Políticas do sexo. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

Scott, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica?. Educação & Realidade. Porto Aleare. vol. 20. nº 2. iul./dez. 1995. pp. 71-99. fo



Fonte:Google Imagens



PROJETO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PROFISSIONAIS DO CENTRO SAÚDE DA COMUNIDADE SÁTILLO ALVES E GESTORES

Aline Lima Medeiros¹, Cleber Felix Bizerra Silva², Leticia Soares Lima³, Lisandra Lustoza Ferro⁴, Maria do Socorro Rocha Sarmento⁵, Natália Lorryne Morais Ferreira⁶, Tatiane Dias Cardoso⁷.

Introdução: O aumento da incidência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) é marcado pelo contexto de vulnerabilidade socioeconômica e educacional dos jovens, início precoce das atividades sexuais, múltiplas parcerias, uso de álcool e drogas; aumento de idosos com vida sexualmente ativa, uso de remédios para impotência e descontinuidade nas ações de educação em saúde sobre prevenção. Assim, esse aumento, diagnosticado em contexto anterior à pandemia de COVID-19 possui tendências de agravamento pós pandemia, justificando-se a necessidade de aprimorar estratégias de prevenção às IST. **Objetivos:** Descrever o projeto promoção de ações educativas para os profissionais e gestores sobre IST: um projeto piloto no CSC Sáttilo Alves/1103 sul. **Método:** Relato de experiência da construção do projeto, em que foi trabalhado as seguintes etapas: Diagnóstico situacional do território de saúde Krahô de Palmas - TO, discussão dos dados entre o grupo de trabalho e apresentação para comunidade e profissionais do CSC. A seguir, realizou-se listagem das fragilidades encontradas, analisadas pela ferramenta Gravidade, Urgência e Tendência de problemas. Finalizou-se com árvore de problemas, seus descritores e levantamento dos atores sociais, com pesquisa na literatura e análise da situação de saúde, identificando-se o nó crítico e organização do plano de ação. **Resultados:** Na análise dos problemas destacou-se incidência de casos de IST, com nó crítico a ineficiência nas ações de prevenção, como: efetividade das campanhas educativas, baixa conscientização da população para não adoção de comportamentos de riscos e baixa efetividade no uso dos métodos de prevenção. O plano de ação contém difusão desta temática para profissionais de saúde e gestores, com o auxílio em campanhas/fórum, reuniões e aplicação de questionário *online* para analisar percepção da gestão sobre estratégias de promoção da saúde e prevenção de IST na atenção básica. Está em andamento a pesquisa com os gestores, apoio a eventos sobre a temática e uma *live* no final do mês de novembro. **Considerações:** Espera-se a promoção do diálogo entre profissionais de saúde, estabelecer estratégias de formação e prevenção entre profissionais da gestão e atenção primária, com sensibilização dos profissionais para detecção e manejo de casos de IST. Contudo, sabe-se que há desafios, desde a sobrecarga das equipes, rotatividade de profissionais, acolhimento do paciente, entre outros. Assim, este projeto visa preparar e fomentar os profissionais de saúde de Palmas em reconhecer o usuário enquanto agente determinante da situação saúde-doença do território no qual atua e garantir apoio institucional. **Implicações para prática:** Os resultados podem torna-se ferramentas para tomada de decisões da gestão e construção de políticas públicas de saúde eficientes, com expansão para outros territórios de saúde, beneficiando os participantes, a partir da educação permanente em saúde, e à comunidade, com a possibilidade de ações eficazes de prevenção, detecção e tratamento de IST na Rede. **Palavras-chaves:** Profissionais da Saúde. IST. Promoção da Saúde.

¹Fisioterapeuta Residente do Programa Multiprofissional em Saúde Coletiva; ²Psicólogo do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade; ³Cirurgiã-dentista Residente do Programa Multiprofissional em Saúde Da Família e Comunidade; ⁴Nutricionista residente do Programa Multiprofissional em Saúde Coletiva; ⁵Analista em saúde-bióloga, mestre em ciências do ambiente. Tutora do PIRS/FESP; ⁶Psicóloga



Residente do Programa Multiprofissional em Saúde Coletiva; ⁷Cirurgiã-dentista Residente do Programa Multiprofissional em Saúde Coletiva.



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE



PROJETO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PROFISSIONAIS DO CSC SÁTILLO ALVES E GESTORES

INTRODUÇÃO

O aumento da incidência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) é marcado pelo contexto de vulnerabilidade socioeconômica e educacional dos jovens, início precoce das atividades sexuais, múltiplas parcerias, uso de álcool e drogas; aumento de idosos com vida sexualmente ativa, uso de remédios para impotência e descontinuidade nas ações de educação em saúde sobre prevenção. Assim, esse aumento, diagnosticado em contexto anterior à pandemia de COVID-19 possui tendências de agravamento pós pandemia, justificando-se a necessidade de aprimorar estratégias de prevenção às IST.

OBJETIVOS

Descrever o projeto promoção de ações educativas para os profissionais e gestores sobre IST: um projeto piloto no CSC Sátallo Alves/1103 sul.

MÉTODO

Relato de experiência da construção do projeto, em que foi trabalhado as seguintes etapas: Diagnóstico situacional do território de saúde Krahô de Palmas - TO, discussão dos dados entre o grupo de trabalho e apresentação para comunidade e profissionais do CSC. A seguir, realizou-se listagem das fragilidades encontradas, analisadas pela ferramenta Gravidade, Urgência e Tendência de problemas. Finalizou-se com árvore de problemas, seus descritores e levantamento dos atores sociais, com pesquisa na literatura e análise da situação de saúde, identificando-se o nó crítico e organização do plano de ação.

RESULTADOS

Autores: Aline Lima Medeiros; Cleber Felix Bizerra Silva; Leticia Soares Lima; Lisandra Lustoza Ferro; Maria do Socorro Rocha Sarmiento; Natália Lorryne Morais Ferreira; e Tatiane Dias Cardoso. Email: gtkraho@gmail.com

Na análise dos problemas destacou-se incidência de casos de IST, com nó crítico a ineficiência nas ações de prevenção, como: efetividade das campanhas educativas, baixa conscientização da população para não adoção de comportamentos de riscos e baixa efetividade no uso dos métodos de prevenção. O plano de ação contém difusão desta temática para profissionais de saúde e gestores, com o auxílio em campanhas/fórum, reuniões e aplicação de questionário online para analisar percepção da gestão sobre estratégias de promoção da saúde e prevenção de IST na atenção básica. Está em andamento a pesquisa com os gestores, apoio a eventos sobre a temática e uma live no final do mês de novembro

CONSIDERAÇÕES

Espera-se a promoção do diálogo entre profissionais de saúde, estabelecer estratégias de formação e prevenção entre profissionais da gestão e atenção primária, com sensibilização dos profissionais para detecção e manejo de casos de IST. Contudo, sabe-se que há desafios, desde a sobrecarga das equipes, rotatividade de profissionais, acolhimento do paciente, entre outros. Assim, este projeto visa preparar e fomentar os profissionais de saúde de Palmas em reconhecer o usuário enquanto agente determinante da situação saúde-doença do território no qual atua e garantir apoio institucional.

IMPLICAÇÕES PARA PRÁTICA

Os resultados podem torna-se ferramentas para tomada de decisões da gestão e construção de políticas públicas de saúde eficientes, com expansão para outros territórios de saúde, beneficiando os participantes, a partir da educação permanente em saúde, e à comunidade, com a possibilidade de ações eficazes de prevenção, detecção e tratamento de IST na Rede.

REALIDADE DA VIOLÊNCIA SEXUAL SOFRIDA POR MULHERES E ADOLESCENTES NO BRASIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Vanessa Cristina Guedes Silveira¹, Débora Leão Alves², Anna Karollyna Gomes Moreira Farinha³, Alexandre Andrade Mescoloti³, Elayne Carolyne Torres Pereira², Márcia Cristina Terra de Siqueira Peres⁴

Introdução: Por violência sexual compreende-se estupro, tentativa de estupro, atentado violento ao pudor, sedução, atos obscenos e assédio, esse configuram um importante problema de saúde pública. Portanto, pressupõe-se atendimento emergencial, integral e multidisciplinar, visando controle de agravos biopsicossociais. Ademais, acredita-se que interligado à procura por atendimento, conhecimento sobre seus direitos e vulnerabilidade estão relacionados fatores como escolaridade e ocupação. **Objetivo:** apontar perfil, assistência recebida nos serviços de saúde e principais consequências da violência sexual às mulheres e adolescentes vítimas no Brasil apresentados na literatura. **Método:** estudo de abordagem quantitativa, transversal e retrospectivo. Realizou-se revisão integrativa de literatura nas bases de dados: LILACS, MEDLINE, PUBMED e SciELO. Descritores: *violência contra a mulher AND assistência hospitalar*, somado a *delitos sexuais AND assistência hospitalar* combinados nos idiomas inglês e português. Critérios de inclusão: artigos publicados até abril de 2020 sobre atendimento em saúde às mulheres e adolescentes vítimas de violência sexual produzidos no Brasil. Critérios de exclusão: relatos de caso, capítulos de livro e repetidos entre as bases. Inicialmente, encontraram-se 1624 artigos, nos quais, 25 foram selecionados para serem lidos na íntegra e 10 estudos permaneceram para análise. **Resultados:** dos 10 artigos analisados, 4 abordaram perfil das pacientes: violência demonstrou-se maior em mulheres que não completaram o ensino fundamental em dois artigos revisados (2); em um artigo as pacientes possuíam ensino fundamental completo, em outro, a maioria completou o ensino médio; ocupação distribuiu-se entre donas de casa, estudantes e empregadas; faixa etária variou-se entre 12-85 anos. Assistência ofertada: nível de complexidade foi investigado em 8 estudos e oscilou entre atenção primária (1), secundária (2) e terciária (5); tempo decorrido na assistência esteve entre até 24 horas (2) e até 72 horas (1); o primeiro serviço fornecido foi realizado por enfermeiro (1), médico (1) ou pela equipe de acolhimento (1); três trabalhos dissertaram sobre continuidade do atendimento, no primeiro, menos de 20% das mulheres retornaram aos ambulatórios especializados; no segundo, 24,5% não deram continuidade ao atendimento (estas possuíam menor escolaridade); no terceiro, apenas 3 formulários possuíam informações sobre retorno. Consequências da violência foram considerados em 3 estudos: estresse pós-traumático (2); gravidezes (3), a maioria resultando em abortamento; IST (2). **Conclusão:** as vítimas socioeconomicamente vulneráveis robusteceram as amostras dos estudos analisados. Apesar da assistência estar distribuída entre diferentes níveis de atenção e abranger um atendimento multiprofissional, o seguimento dessas pacientes é visivelmente frágil. Dentre os danos biopsicossociais, a gravidez mostrou-se mais incidente, circunstância que ressalta a importância da assistência continuada. **Implicações para Prática:** abordar a violência sexual e sua interface com a saúde implicaria, dentre muitas perspectivas, no reconhecimento da violência como objeto do setor saúde, e do impacto da assistência oferecida na qualidade de vida das vítimas de violência sexual.

Palavras-Chave: Assistência hospitalar. Delitos sexuais. Violência contra a mulher.

¹Discente do curso de Medicina da Universidade Federal do Tocantins, vanessa.guedes@mail.uft.edu.br

²Discentes do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins

³Discentes do curso de Medicina da Universidade Federal do Tocantins

⁴ Docente do curso de Medicina da Universidade Federal do Tocantins



REALIDADE DA VIOLÊNCIA SEXUAL SOFRIDA POR MULHERES E ADOLESCENTES NO BRASIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Vanessa Cristina Guedes Silveira, Débora Leão Alves, Anna Karollyna Gomes Moreira Farinha, Alexandre Andrade Mescoloti, Elayne Carolyne Torres Pereira, Márcia Cristina Terra de Siqueira Peres.
E-mail: vanessa.guedes@mail.uft.edu.br

INTRODUÇÃO

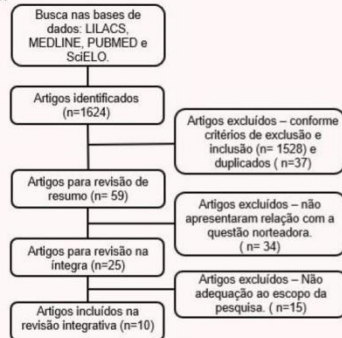
Por violência sexual compreende-se estupro, tentativa de estupro, atentado violento ao pudor, sedução, atos obscenos e assédio, e se configuram um importante problema de saúde pública. Portanto, pressupõe-se atendimento emergencial, integral e multidisciplinar, visando controle de agravos biopsicossociais. Ademais, acredita-se que interligado à procura por atendimento, conhecimento sobre seus direitos e vulnerabilidade estão relacionados fatores como escolaridade e ocupação.

OBJETIVO

Apontar perfil, assistência recebida nos serviços de saúde e principais consequências da violência sexual às mulheres e adolescentes vítimas no Brasil apresentados na literatura.

MÉTODO

Estudo de abordagem quantitativa, transversal e retrospectivo. Realizou-se revisão integrativa de literatura em bases de dados. Descritores: violência contra a mulher AND assistência hospitalar, somado a delitos sexuais AND assistência hospitalar combinados nos idiomas inglês e português. Critérios de inclusão: artigos publicados até abril de 2020 sobre atendimento em saúde às mulheres e adolescentes vítimas de violência sexual produzidos no Brasil. Critérios de exclusão: relatos de caso, capítulos de livro, além dos repetidos entre as bases.



RESULTADOS

Perfil das pacientes: a ocupação distribuiu-se entre donas de casa, estudantes e empregadas; faixa etária variou-se entre 12-85 anos.



Assistência ofertada: três trabalhos dissertaram sobre continuidade do atendimento, no primeiro, menos de 20% das mulheres retornaram aos ambulatórios especializados; no segundo, 24,5% não deram continuidade ao atendimento (estas possuíam menor escolaridade); no terceiro, apenas 3 formulários possuíam informações sobre retorno.



CONCLUSÃO

As vítimas socioeconomicamente vulneráveis robusteceram as amostras dos estudos analisados. Apesar da assistência estar distribuída entre diferentes níveis de atenção e abranger um atendimento multiprofissional, o seguimento dessas pacientes é visivelmente frágil. Dentre os danos biopsicossociais, a gravidez mostrou-se mais incidente, circunstância que ressalta a importância da assistência continuada.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA

Abordar a violência sexual e sua interface com a saúde implicaria, dentre muitas perspectivas, no reconhecimento da violência como objeto do setor saúde, e do impacto da assistência oferecida na qualidade de vida das vítimas de violência sexual.

REFERÊNCIAS

- BEDONE, Aloisio José; FAUNDES, Anibal. Atendimento integral às mulheres vítimas de violência sexual: Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher, Universidade Estadual de Campinas. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 465-469, Feb. 2007.
- FACURI, Cláudia de Oliveira et al. Violência sexual: estudo descritivo sobre as vítimas e o atendimento em um serviço universitário de referência no Estado de São Paulo, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 29, p. 889-898, 2013.
- GARCIA, Marilúcia Vieira et al. Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 24, n. 11, p. 2551-2563, 2008.
- MELO, Alice Cristina Medeiros; GARCIA, Leila Posenato. Care for young victims of assault in public emergency services in 2011: Sex differences. Ciência & Saúde Coletiva, v. 22, p. 1333-1341, 2017.
- MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza et al. A violência contra a mulher atendida em unidade de urgência: uma contribuição da enfermagem. Escola Anna Nery, v. 10, n. 2, p. 273-279, 2006.
- MUDJALIEB, Amanda Almeida. Report of an experience to expand access to legal abortion for rape victims in the city of Rio de Janeiro, Brazil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 36, Sup 1:e00181219, 2020.
- NUNES, Mykaella Cristina Antunes; LIMA, Rebeca Fernandes Ferreira; MORAIS, Normanda Araújo de. Violência sexual contra mulheres: um estudo comparativo entre vítimas adolescentes e adultas. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 37, n. 4, p. 956-969, 2017.
- OSHIKATA, Carlos Tadayuki et al. Características das mulheres violentadas sexualmente e da adesão ao seguimento ambulatorial: tendências observadas ao longo dos anos em um serviço de referência em Campinas, São Paulo, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 27, p. 701-713, 2011.
- SANTOS, Thaise Portella da Silva; ANTUNES, Tatyane Costas Simões; PENNA, Lucia Helena Garcia. Perfil sociocultural de mulheres que vivenciaram violência sexual em uma unidade hospitalar de referência. J. res.: fundam. care. online, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 1445-1454, 2014 out./dez.
- SILVA, Iracema Viterbo; AQUINO, Estela Maria. Patterns of minor psychiatric disorders among battered women treated at an emergency care unit. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 24, n. 9, p. 2103-2114, set, 2008.

REVISÃO DE LITERATURA: CONHECIMENTO, ATITUDE E PRÁTICA (CAP) SOBRE CONTRACEPTIVO DE EMERGÊNCIA ENTRE MULHERES.

Jactainy das Graças Gonçalves¹, Nayane de Sousa Silva Santos², Leidiene Ferreira Santos³, Mariana dos Santos Silva⁴, Carla Cristina Chaves de Oliveira⁵, Marcelo Aguiar de Assunção⁶, Mirian Cristina dos Santos Almeida⁷, Danielle Rosa Evangelista⁸

Introdução: Segundo a Organização Mundial da Saúde, existe 1,9 bilhão de mulheres em idade reprodutiva. Apenas 842 milhões usam métodos contraceptivos e 270 milhões têm necessidade não atendida em relação à Contracepção de Emergência. Muitas delas têm: a) acesso limitado aos serviços de saúde; b) medo ou experiência de efeitos colaterais; c) oposição cultural ou religiosa; d) baixa qualidade dos serviços disponíveis; e) viés de usuários e provedores contra alguns métodos; e f) barreiras baseadas no gênero ao acesso aos serviços (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020). Diante da necessidade não atendida pelas mulheres sobre contracepção de emergência, ações são necessárias para superar essa demanda. Uma das formas para diminuir as barreiras seria a garantia antecipada a acesso de método por mulheres, em conformidade com a legislação. Assim, a contracepção de emergência pode contribuir para diminuir as taxas de gravidez na adolescência, gravidez imprevista e aborto inseguro (PAIVA; BRANDÃO, 2012). **Objetivos:** Identificar o conhecimento, atitude e prática sobre o uso de contraceptivo de emergência entre mulheres. **Método:** Trata-se de revisão integrativa da literatura e a busca dos estudos foram realizados Biblioteca Scientific Electronic Library Online, Pubmed, Medline e Lilacs. Optou-se por usar quatro descritores: health knowledge, attitude, practice, woman. Foram incluídos no estudo os artigos científicos completos, disponíveis gratuitamente por meio eletrônico, que abordavam o conhecimento, atitude e prática sobre o Contraceptivo de Emergência com recorte temporal entre 2016 a 2020, em idiomas inglês, espanhol e português. Obteve-se 28 artigos, dos quais foram agregados em quatro categorias: Perfil das mulheres que usam Contraceptivo de Emergência; Conhecimento sobre Contraceptivo de Emergência; Atitude das mulheres ante o Contraceptivo de Emergência; Prática quanto ao uso do Contraceptivo de Emergência. **Resultados:** O perfil mostrou-se bem diversificado quanto à idade, religião, escolaridade, moradia e sexarca, porém, o predomínio entre mulheres jovens e solteiras. Quanto ao conhecimento foi possível identificar lacunas quanto à dose, número recomendado, intervalo e até mesmo onde adquirir. A atitude das mulheres quanto ao uso do Contraceptivo de Emergência foi favorável, no entanto, ainda existem pensamentos equivocados como o de que o Contraceptivo de Emergência é abortivo ou pode levar a infertilidade e até mesmo afetar os métodos contraceptivos regulares. Quanto a prática identificou-se que as mulheres têm feito o uso do Contraceptivo de Emergência majoritariamente após o sexo desprotegido. **Conclusão:** O conhecimento das mulheres sobre o Contraceptivo de Emergência tem crescido nos últimos anos, porém a adesão é determinada pelo padrão sociocultural e religioso, influenciando tanto na atitude quanto na prática dessas mulheres. Implicações para a prática: A educação sexual precisa ser difundida nos diferentes cenários, incluindo informações sobre métodos contraceptivos para que a mulher exerça a autonomia sexual com segurança para de fato decidir sobre o melhor momento para gestar.

Descritores: Conhecimento. Atitude. Mulher.

REFERÊNCIAS

PAIVA, S. P.; BRANDÃO, E. R. Contracepção de emergência no contexto das farmácias: revisão crítica de literatura. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 17-34, 2012

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Contraception Methods - Family Planning. *NV Interactive*, p. 7–13, 2020.

1 Enfermeira Especialista em Saúde da Família-ULBRA, FESP/SEMUS. E-mail: jactainy@uft.edu.br.

2 Professora Me. Ciências do Cuidado em Saúde. Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.

3 Professora Dra. Em Ciências da Saúde. Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.

4 Enfermeira - Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.

5 Enfermeira. Mestra em Ciências da Saúde pela UFT. Atua Secretária de Saúde de Goiás.

6 Psicólogo Clínico. Mestre em Educação pela UFT. Atendimento clínico em Palmas.

7 Enfermeira. Dra. em Ciências da Saúde. Professora do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins.

8 Professora Dra. em Enfermagem. Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins



REVISÃO DE LITERATURA: CONHECIMENTO, ATITUDE E PRÁTICA (CAP) SOBRE CONTRACEPTIVO DE EMERGÊNCIA ENTRE MULHERES



Jactainy das Graças Gonçalves¹, Nayane de Sousa Silva Santos², Leidiene Ferreira Santos³, Mariana dos Santos Silva⁴, Carla Cristina Chaves de Oliveira⁵, Marcelo Aguiar de Assunção⁶, Mirian Cristina dos Santos Almeida⁷, Danielle Rosa Evangelista⁸.
jactainy@uft.edu.br

INTRODUÇÃO

- ✓ Segundo a OMS, existe 1,9 bilhão de mulheres em idade reprodutiva;
- ✓ Dessas, 842 milhões usam métodos contraceptivos;
- ✓ 270 milhões têm necessidade não atendida em relação à Contracepção de Emergência;
(WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020)
- ✓ Muitas delas têm:
 - Acesso limitado aos serviços de saúde;
 - Medo ou experiência de efeitos colaterais;
 - Oposição cultural ou religiosa;
 - Baixa qualidade dos serviços disponíveis;
- Viés de usuários e provedores contra alguns métodos;
- Barreiras baseadas no gênero ao acesso aos serviços
- ✓ Uma das formas para diminuir as barreiras seria a garantia antecipada ao acesso de métodos por mulheres, em conformidade com a legislação de cada país.
- ✓ A contracepção de emergência pode contribuir para diminuir as taxas de gravidez na adolescência, gravidez imprevista e aborto inseguro.

(PAIVA; BRANDÃO, 2012)

OBJETIVOS

Identificar o conhecimento, atitude e prática sobre o uso de contraceptivo de emergência entre mulheres.

MÉTODOS

- ✓ Revisão integrativa da literatura;
- ✓ Biblioteca Scientific Electronic Library Online,
- ✓ Pubmed, Medline e Lilacs.
- ✓ Descritores: health knowledge, attitude, practice, woman.
- ✓ Artigos Incluídos: completos, disponíveis gratuitamente por meio eletrônico, que abordavam o conhecimento, atitude e prática sobre o Contraceptivo de Emergência com recorte temporal entre 2016 a 2020, em idiomas em inglês, espanhol e português.
- ✓ Obteve-se 28 artigos;
- ✓ Agregados em quatro categorias:
 - Perfil das mulheres que usam Contraceptivo de Emergência;
 - Conhecimento sobre Contraceptivo de Emergência;
 - Atitude das mulheres ante o Contraceptivo de Emergência;
 - Prática quanto ao uso do Contraceptivo de Emergência

RESULTADOS

O perfil mostrou-se bem diversificado quanto à idade, religião, escolaridade, moradia e sexarca, porém, o predomínio entre mulheres jovens e solteiras. Quanto ao conhecimento foi possível identificar lacunas quanto à dose, número recomendado, intervalo e até mesmo onde adquirir. A atitude das mulheres quanto ao uso do Contraceptivo de Emergência foi favorável, no entanto, ainda existem pensamentos equivocados como o de que o Contraceptivo de Emergência é abortivo ou pode levar a infertilidade e até mesmo afetar os métodos contraceptivos regulares. Quanto a prática identificou-se que as mulheres têm feito o uso do Contraceptivo de Emergência majoritariamente após o sexo desprotegido

CONCLUSÃO

O conhecimento das mulheres sobre o Contraceptivo de Emergência tem crescido nos últimos anos, porém a adesão é determinada pelo padrão sociocultural e religioso, influenciando tanto na atitude quanto na prática dessas mulheres.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA

A educação sexual precisa ser difundida nos diferentes cenários, incluindo informações sobre métodos contraceptivos Para que a mulher exerça a autonomia sexual com segurança para de fato decidir sobre o melhor momento para gestar.

REFERÊNCIAS

- PAIVA, S. P.; BRANDÃO, E. R. Contracepção de emergência no contexto das farmácias: revisão crítica de literatura. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 17-34, 2012
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Contraception Methods - Family Planning. *NV Interactive*, p. 7-13, 2020.



SEXUALIDADES E EMPODERAMENTO DAS MULHERES NA COMUNIDADE BAIXÃO DO GUAÍ

Deise Queiroz da Silva¹, Juliana Lima Santos², Matheus Santana Sampaio³

Introdução: Este trabalho busca apresentar uma das faces do projeto de extensão intitulado Saúde Sexual, Saúde Reprodutiva e Direitos, realizado por alunos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) na e com a comunidade Baixão do Guaí, localizada no município de Maragogipe. **Objetivos:** Oferecer ferramentas para o empoderamento da comunidade sobre os temas da saúde sexual e saúde reprodutiva, bem como sexualidades; construir espaços que possibilite tais discussões com o recorte social, racial e geracional/etário; investigar as trajetórias sexuais e reprodutivas das mulheres da comunidade. **Metodologia:** Priorizam-se metodologias ativas, de caráter participativo, respeitando os valores e a cultura local. As atividades pré pandemia foram organizadas no formato de oficinas e, além dos temas que nomeiam o projeto, também estivemos atentos aos conflitos colocados pelas disputas de território presentes na comunidade. Atualmente, aderimos à comunicação via WhatsApp, buscando a manutenção do vínculo com o grupo e a continuação das atividades, mesmo durante o período de distanciamento social. Por meio desta ferramenta, realizamos uma pesquisa de caráter quantitativo em 9 integrantes da comunidade. **Resultados:** O projeto está em andamento, contudo, podemos apontar como alguns produtos: 1) Promoção de reuniões presenciais, visando contemplar o objetivo de empoderamento sobre os temas da saúde, saúde sexual e sexualidade, bem como construir espaços que possibilite tais discussões com o recorte social, racial e geracional/etário. 2) Produção de um mapa sócio territorial da comunidade. 3) Coleta de dados socioeconômicos e sexuais das mulheres que fazem parte do grupo abordado e a disseminação de informações seguras, sobre os temas que versam o projeto e também sobre a COVID-19, para que elas estejam subsidiadas na tomada de decisão, podendo construir trajetórias de autocuidado, sexuais e reprodutivas mais seguras. Considerando a proposital falta de informação e as barreiras que dificultam o acesso à saúde de populações historicamente marginalizadas, esse trabalho se mostra fundamental para a democratização de conhecimentos que tangem tanto o autocuidado como a construção de um ser político dotado de direitos, dos quais a saúde pública e de qualidade faz parte. Os Frutos dessa atividade de extensão, por sua vez, podem ser disseminados, ampliando a zona de impacto e conscientização, tendo impacto a curto, médio e longo prazo.

Palavras Chave: Sexualidades. Direitos. Mulheres.

¹ Formada em ciências sociais, Mestre em ciências sociais – Universidade Federal da Bahia – Salvador / BA.

² Graduanda do curso de medicina – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Santo Antônio de Jesus / BA – juliana.lima.santos@hotmail.com

³ Graduando no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Santo Antônio de Jesus / BA

SEXUALIDADES E EMPODERAMENTO DAS MULHERES NA COMUNIDADE BAIXÃO DO GUAÍ

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

SILVA, Q. * SANTOS, J. * SAMPAIO, M. *

e-mails: deisequeiroz@ufrb.edu.br; juliana.lima.santos@hotmail.com; matheussampaio@outlook.pt

Introdução

Este trabalho busca apresentar a relação do projeto de extensão intitulado Saúde Sexual, Saúde Reprodutiva e Direitos, realizado por alunos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) na e com a comunidade Baixão do Guai, localizada no município de Maragogipe.



Imagem da segunda ida a comunidade do Guai. Na foto estão presentes seis integrantes da comunidade e três integrantes do grupo.

Objetivos

- 1) Instigar o empoderamento da comunidade de Baixão do Guai (Maragogipe) sobre os temas saúde;
- 2) Construir espaços para que o tema em questão possa ser abordado, com destaque para mulheres, jovens e negrxs;
- 3) Investigar as trajetórias sexuais e reprodutivas das mulheres da comunidade e sua relação com o serviço de saúde local;

Metodologia

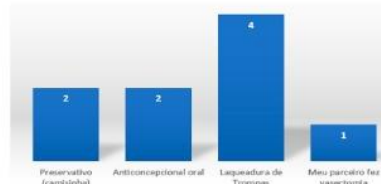
A metodologia utilizada na realização das atividades é a participativa, respeitando os valores e a cultura local, ao mesmo passo em que fornecemos informações seguras para que as mulheres possam problematizar e refletir acerca de seus direitos. As atividades pré-pandemia foram organizadas no formato de oficina e rodas de conversa. Posteriormente, aderimos a comunicação pela rede social Whatsapp como forma de manter e fortalecer o vínculo com o grupo no período de distanciamento social. Durante a quarentena realizamos uma pesquisa quantitativa por meio de aplicação de questionário. Essa atividade foi realizada por intermédio do aplicativo supracitado.

Resultados

Os resultados desse projeto estão vinculados ao processo de empoderamento das mulheres e disseminação de informações seguras para que elas estejam subsidiadas na tomada de decisão, podendo construir trajetórias sexuais e reprodutivas mais seguras. Para isso, as atividades presenciais são realizadas em parceria dialógica. Além disso, construímos um mapa sócio-territorial da comunidade coletivamente, que serve de base também para o planejamento de outras ações. Com o início da pandemia e a impossibilidade de interações nos moldes anteriores, adotamos uma estratégia virtual para garantir a continuidade do nosso vínculo com a comunidade. Assim, promovemos a disseminação de informações semanais sobre alguns temas, sendo a prevenção à contaminação pelo Corona vírus e a Covid 19 o principal. Também coletamos dados sobre as características socioeconômicas e sexuais das mulheres que fazem parte do grupo abordado. Conhecendo as necessidades da localidade e em contato com as participantes do grupo de Whatsapp, conseguimos, em parceria com a UFRB, o envio de materiais de proteção como máscaras e álcool, além manter um canal de escuta com nossas parceiras.

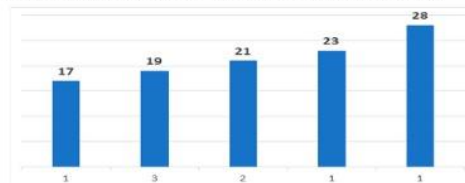
Ao analisarmos os produtos gerados pela pesquisa, alguns dados se destacam, como a informação de que todas as mulheres entrevistadas usam algum tipo de método contraceptivo. Contudo, apenas 2 delas usam o método capaz de prevenir as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Considerando que todas as mulheres entrevistadas se autodeclararam pretas, o dado de que 4 das 9 mulheres fizeram laqueadura se sobressai.

Gráfico 1 - Métodos contraceptivos utilizados atualmente pelas mulheres entrevistadas



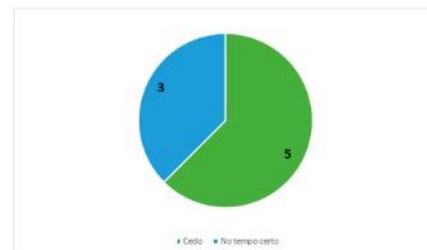
Continuando a pesquisa, nos questionamos também sobre a idade em que essas mulheres iniciaram suas vidas sexuais. Segundo dados do Ministério da Saúde (2012)¹, a média de início da vida sexual do brasileiro é de 14,9 anos. Ao analisarmos a média de idade do início da vida sexual dessas mulheres, constatamos que ela foi mais tardia, com a maioria tendo ocorrido entre os 16 e 18 anos. Além disso, elas tiveram filhos mais cedo, com média de 18,4 anos, enquanto a média nacional, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística², era de 26,8 anos, no censo de 2010. Levando em consideração a idade atual dessas mulheres (média de 37,7 anos), podemos inferir que há uma diferença geracional em relação a essas temáticas, o que demonstra um indicativo para futuras pesquisas com os jovens

Gráfico 2 - Idade em que as mulheres tiveram a primeira gestação



Em consonância com a menor média de idade para a primeira gestação em relação a média nacional, cinco das participantes que tiveram filhos declararam considerar a idade como "cedo", enquanto três destas consideraram "no tempo certo"

Gráfico 3 - Autoavaliação da idade da primeira gestação



Considerações finais

Considerando os dados obtidos com os questionários e a partir da interação com as mulheres, percebemos que não há o uso frequente de métodos contraceptivos eficazes contra ISTs e que a maioria das mulheres das tiveram filhos cedo. Essas informações, contudo, nada dizem se não considerarmos as causas que levaram a elas. Para tanto, é necessário que nos debruçemos com mais afinco sobre as conhecimentos obtidos por essas pessoas dentro do seu ciclo social, os seus relacionamentos e, claro, a visão que têm da própria vida e de suas ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://-censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=2405&tpense=2012-mais-um-quarto-estudantes-13-15-anos-idade-ja-dirigiu&view=noticia#:~:text=Deste%20contingente%2C%2054%2C9%25,aos%2012%20anos%20de%20idade>. Acessado em 31 de Novembro de 2020.

²CARNEIRO, Júlia Dias. Trabalho, renda e estudo levam brasileiras a ser mãe mais tarde. 2012. Disponível em: [1. Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Salvador / BA. 2. Graduando do curso de medicina - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Santo Antônio de Jesus / BA - juliana.lima.santos@hotmail.com. 3. Graduando no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Santo Antônio de Jesus / BA](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/10/121016_ibge_censo_fecundidade_jc#:~:text=Na%20m%C3%A9dia%20nacional%2C%20a%20idade,anos%2C%20sobre%20em%20C3%A1reas%20urbanas. Acesso em: 17 out. 2012.</p></div><div data-bbox=)



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE

01, 07, 08, 09, 10 e 11 de dezembro

CONSIDERAÇÕES



O desenvolvimento de um evento sobre sexualidade [temática que ainda continua sendo tabu em nossa sociedade, no âmbito da saúde, no qual os profissionais e grande parte dos estudantes não possuem acesso a formação de qualidade] de forma online e para todo o país nos proporcionou o enfrentamento de dificuldades que antes, enquanto evento local que éramos, não havíamos enfrentado. Citamos em especial, a construção de uma programação integral, que abarcasse a vivência da sexualidade em todos os âmbitos e contextos impactados pela pandemia do Covid-19; a participação de profissionais com expertise comprovada na temática e que possuíssem facilidade em comunicação, visto que se tratava de uma interação remota com os ouvintes; e a transmissão de qualidade durante todo o evento em plataforma universal, possibilitando, assim, o acesso integral.

A realização de um evento científico em pleno enfrentamento da pandemia da Covid-19 também impôs obstáculos à organização, visto a sobrecarga dos profissionais, a rotina intensificada nas universidades e, como já relatado, a necessidade da realização do evento de forma exclusivamente online. Porém, essa nova modalidade possibilitou maiores contatos, tanto com palestrantes, como ouvintes e autores de trabalhos científicos de outros estados e realidades, nos inspirando a manter esse convívio para além do município de Palmas - TO.

As discussões desenvolvidas e as experiências expostas durante o evento evidenciaram que, ainda que tenha havido evolução no ensino, nas políticas e nos direitos quanto à sexualidade, ainda se faz necessário esse espaço de encontro e troca de conhecimentos e de anseios.



II FÓRUM DE SEXUALIDADE EM SAÚDE ONLINE

01, 07, 08, 09, 10 e 11 de dezembro

REFERÊNCIAS



BRAZ, M. G. F.; MIRANDA, J. C. Sexualidade: perspectiva histórica e significação cultural. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v. 10, n. 1, p. 13-22, 2019.

CASTRO, V. F. **A ação dos estereótipos de gênero na construção da sexualidade no contexto escolar**. Monografia (Ciências Biológicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

MEDINA, M. G.; GIOVANELLA, L.; BOUSQUAT, A.; MENDONÇA, M. H. M. D.; AQUINO, R. Atenção primária à saúde em tempos de COVID-19: o que fazer? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 8, e00149720, Jun. 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1140/atencao-primaria-a-saude-em-tempos-de-covid-19-o-que-fazer>. acessos em 15 Mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X0014972>

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. A abordagem do tema sexualidade no contexto familiar: o ponto de vista de mães de adolescentes. **psicologia: ciência e profissão**, v. 36, n. 1, p. 130-144, 2016.

SILVEIRA, G. F. D.; WITTKOPF, P. G.; SPERANDIO, F. F.; PIVETTA, H. M. F. Produção científica da área da saúde sobre a sexualidade humana. **Saúde e Sociedade**, v. 23, p. 302-312, 2014.